



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARCELO HENRIQUE VIOLIN

“CANTE E SEJA FELIZ”:

**GEORGE HARRISON E O MOVIMENTO HARE
KRISHNA,**

1966-1973

Londrina

APRESENTAÇÃO

O objetivo dessa monografia foi o de identificar nas letras das músicas de George Harrison¹ elementos da filosofia e da religiosidade védica, mais precisamente ideias do movimento Vaishnava, e também analisar e interpretar essas letras de músicas que expressam uma relação com o Vaishnavismo. Conhecido também como movimento Hare Krishna ou consciência de Krishna, sendo considerado uma ramificação do hinduísmo, o qual engloba práticas religiosas diversas.

O movimento Hare Krishna está inserido dentro da tradição religiosa denominada Gaudya-Vaishnava de origem indiana. Ficou conhecido popularmente como Hare Krishna devido ao fato de os devotos estarem sempre cantando Hare Krishna. O movimento ficou conhecido mundialmente pela atuação de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, que primeiramente foi aos Estados Unidos em 1965 pregar a filosofia Vaishnava e a espalhou praticamente por todo o mundo.

Prabhupada utilizou o termo consciência de Krishna para caracterizar o processo de serviço devocional a Krishna, considerado como a Suprema Personalidade de Deus. Basicamente a ideia é que os seres vivos são almas espirituais eternas, partes integrantes de Krishna e que estão sofrendo no mundo material através do ciclo de nascimentos e mortes, reencarnando em diferentes corpos. A verdadeira felicidade então está no relacionamento pessoal eterno com Krishna. Esse relacionamento pode ser atingido por meio da consciência, do serviço devocional, na medida em que se adquire a capacidade de enxergar tudo como uma manifestação da energia de Krishna e de utilizar os sentidos para servi-lo com amor e devoção.

O recorte temporal estabelecido foi o de 1966 a 1973, pois George Harrison, em entrevista ao seu amigo Mukunda Goswami, diz que seu primeiro contato com a consciência de Krishna foi através de suas visitas à Índia (a primeira em 1966) e que ele e John Lennon já tinham conseguido o disco de Prabhupada², *Consciência de Krishna*,

¹ George Harrison foi guitarrista dos Beatles e depois seguiu carreira solo tocando guitarra e cantando. George também compunha e atuou como produtor de cinema. Interessou-se pela cultura indiana e introduziu-a nas músicas dos Beatles, foi muito importante também na divulgação do movimento Hare Krishna no ocidente.

² Srila Prabhupada é o mestre espiritual que chegou aos Estados Unidos em 1965 com a missão de divulgar a filosofia Hare Krishna nos países ocidentais.

em 1969, quando o movimento Hare Krishna foi levado pela primeira vez à Inglaterra. George revela: “Tocamos bastante e gostamos muito. Essa foi a primeira vez que ouvi o canto do maha-mantra³” (PRABHUPADA, 1983, p. 3). Apesar de ter levado a consciência de Krishna para o resto da vida, estabeleço o recorte temporal até 1973, pois é o ano em que foi lançado o álbum *Living In The Material World* em que consta a última canção interpretada nesta pesquisa. Além desta analisarei também a canção *My Sweet Lord* e *Awaiting On You All*, ambas do álbum *All Things Must Pass*, lançado em 1970.

É de extrema relevância aqui a ideia de Paul Veyne sobre a essência lacunar da História: “O número de páginas concedido pelo autor aos diferentes momentos e aos diversos aspectos do passado é uma média entre a importância que estes aspectos têm a seus olhos e a abundância da documentação” (1986, p.46). Para Paul Veyne, os fatos são escolhidos pelo critério do historiador.

O presente trabalho é essencialmente histórico, mas possui um caráter interdisciplinar justificando-se a partir daquilo que passou a ser denominado estudos culturais. “Os estudos culturais não configuram uma disciplina, mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade”. (HALL, apud ESCOSTESGUY, 1999, p.137.)

Sobre essa ideia Turner diz:

Os Estudos Culturais constituem um campo interdisciplinar onde certas preocupações e métodos convergem; a utilidade dessa convergência é que ela nos propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Não é, contudo, um campo unificado. (TURNER, 1990, p.11)

Utilizo fontes históricas nesta pesquisa, que é enriquecida pelo diálogo entre diferentes disciplinas, como a filosofia, a sociologia, história e a ciência da religião. A própria pesquisa histórica em si abrange outras áreas do conhecimento. Sendo assim, essa interdisciplinaridade foi fundamental para a compreensão da relação de George Harrison

³ Mantra é uma palavra originária do sânscrito, o idioma das escrituras védicas em que o movimento Hare Krishna se baseia. A palavra mantra é traduzida como instrumento da mente ou libertação da mente, é um som transcendental. Maha significa grande ou maior, portanto maha-mantra significa grande mantra ou o maior dos mantras. Considerado o grande canto para a liberação, o maha-mantra Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare, Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama Hare Hare é a principal maneira de se conectar com Deus de acordo com o movimento Hare Krishna. (PRABHUPADA, 2009)

com o movimento Hare Krishna, por meio da interpretação e análise de algumas letras de composições suas relacionadas à filosofia e teologia Hare Krishna.

Os álbuns lançados por George durante sua carreira solo são: *Wonderwall Music* (1968), *Electronic sound* (1969), *All Things Must Pass* (1970), *Concert of Bangladesh* (1971), *Living In The Material World* (1973), *Dark Horse* (1974), *Extra Texture* (1975), *Thirty Three & 1/3* (1976), *The Best Of George Harrison* (1976), *George Harrison* (1979), *Somewhere In England* (1981), *Gone Troppo* (1982), *Cloud Nine* (1987), *Traveling Wilburys Vol. 1* (1988), *Best Of Dark Horse 1976-1989* (1989), *Traveling Wilburys Vol. 3* (1990), *Live in Japan* (1992) e *Brainwashed* (2002). Mais adiante em outro tópico, dentre todas as músicas desses álbuns, selecionamos as músicas que apresentam uma relação direta com os ensinamentos de Prabhupada, com as ideias do movimento Hare Krishna entre 1966 e 1973.

Esta pesquisa encontra justificativa no que se refere à produção acadêmica sobre a filosofia indiana, que, por enquanto, não atingiu lugar de destaque nas universidades. O pensamento religioso indiano foi investigado pelo indólogo Heinrich Zimmer. Segundo Zimmer (1986), o principal objetivo do pensamento indiano não é descobrir e descrever o mundo visível, e sim desvendar e integrar na consciência o que as forças da vida rejeitaram e ocultaram. A suprema, e característica, proeza da mentalidade bramânica foi a descoberta do Eu (*atmam*). O atman é a entidade imperecível e independente, o principal sustentáculo da personalidade e da estrutura corporal e essa perspectiva é decisiva para o desenvolvimento da filosofia indiana e para a história de sua civilização. O Eu (*atmam*) é imutável para sempre, além do tempo, do espaço e da ofuscante malha da causalidade, além de qualquer medida e além do domínio da visão.

A filosofia indiana tem se aplicado, há centenas de anos, a conhecer esse Eu e tornar permanente seu conhecimento na vida humana. A suprema e continua renovação de impertubabilidade que adentra as terríveis histórias do mundo oriental se deve a essa permanente inquietação. Através das variações da mutabilidade física permanece a base espiritual da paz beatífica de *atmam*: o ser eterno, atemporal e imperecível. (ZIMMER, 1986)

Os filósofos hindus, assim como os do ocidente, falam sobre valores éticos e critérios morais; também se preocupam com os traços visíveis da existência fenomênica,

criticando os dados da experiência externa, chegando a conclusões sobre os princípios que serviram de base. Desta forma, a Índia teve, e ainda tem, suas próprias disciplinas psicológicas, éticas, física e teoria metafísica. Diferente dos interesses dos modernos filósofos ocidentais, a preocupação essencial sempre foi a transformação e não a informação, uma mudança extrema da natureza humana e a partir disso uma renovação na compreensão da sua própria existência e do mundo exterior, transformação tão completa que ao atingir um bom resultado, leva a uma total conversão ou renascimento. Desse modo, a filosofia indiana tem vínculos mais estreitos com a religião do que o pensamento crítico e secularizado do ocidente moderno.

De acordo com Zimmer (1986), todo o curso do pensamento ocidental moderno foi determinado pelo progresso constante e inflexível de nossas ciências racionais e secularizadas, desde Francis Bacon, e o surgimento da nova ciência, até o presente. Contrariamente, a filosofia indiana permaneceu tradicional. Ajudada e renovada pelas vivências interiores da prática do Yoga, e não pelas experiências de laboratório, resguardou as crenças herdadas e as interpretou, sendo, por sua vez, interpretada e corrigida pela religião. A filosofia e a religião diferem em alguns pontos na Índia, mas nunca houve um ataque fatal por parte dos representantes do criticismo puro (como os filósofos racionalistas do ocidente) contra a fortaleza imemorial do sentimento religioso popular. As duas instituições fortalecem uma a outra, de modo que em cada uma delas poderíamos identificar características que na Europa atribuiríamos apenas à sua oposta.

O tema a ser pesquisado justifica-se também por motivos pessoais. No trabalho de conclusão de curso na graduação em História na Universidade Estadual de Londrina, estudei a relação dos Beatles com a cultura indiana. Na elaboração de minha monografia tomei conhecimento sobre a Consciência de Krishna por meio das músicas e história de vida de George que buscou esse conhecimento transcendental e tornou-se devoto de Krishna. Pesquisando, conheci o disco de canções Vaishnavas que ele gravou com os devotos do Radha-Krishna Temple de Londres. Deparei-me também com o fato de que George encontrou-se pessoalmente com Prabhupada por diversas vezes e que se tornaram amigos.

No livro *Cante e Seja Feliz* (1983), baseado nos ensinamentos de Prabhupada, além da história do mantra Hare Krishna, há uma entrevista com George Harrison em que

ele expressa sua relação com a consciência de Krishna, o canto do maha-mantra Hare Krishna, sua associação com Prabhupada e diversos assuntos relacionados à filosofia Hare Krishna. A partir de então me interessei cada vez mais por essa milenar cultura espiritual da Índia, iniciei a prática do cantar do maha-mantra Hare Krishna e li diversos livros de Srila Prabhupada, o que mudou profundamente minha vida.

Em dezembro de 2009 e em janeiro de 2011 tive a oportunidade de visitar a ecovila Hare-Krishna Goura-Vrindavana, uma comunidade rural auto-sustentável, onde vivenciei o cotidiano dos devotos que ali residem e experienciar os rituais Vaishnavas no templo. Essa comunidade rural situa-se em meio a Mata Atlântica na região da Graúna em Paraty-RJ. Prabhupada enfatizou a importância de se viver em comunidades na natureza, proporcionando equilíbrio e harmonia entre todos os seres, o guru indiano pregava uma vida simples e pensamentos elevados. Ao mesmo tempo, sua instrução para aqueles que vivem nas cidades é manter a consciência elevada (consciência espiritual) através das práticas espirituais independentemente das circunstâncias.

O estabelecimento de conexões entre George Harrison e Prabhupada também pode ser verificado a partir do prefácio do livro *Krishna, A Suprema Personalidade de Deus* (1977), escrito pelo músico em homenagem ao seu mestre. Sem dúvida George teve grande importância na missão de Srila Prabhupada de difundir a consciência de Krishna no Ocidente. Em muitas de suas músicas estão presentes os ensinamentos transcendentais de Prabhupada e o seu amor por Krishna. Assim como eu, outras pessoas conheceram Krishna e o movimento internacional de Prabhupada por meio de George Harrison.

De maneira geral estudei o movimento Vaishnava para a consciência de Krishna e identifiquei as ideias de sua filosofia em composições musicais de George Harrison e a relação do músico com a consciência de Krishna. Apresentarei elementos da trajetória histórica do movimento Hare Krishna, buscando compreendê-lo historicamente. Foi realizado também um levantamento das músicas identificando as que estão vinculadas ao Vaishnavismo, para depois fazer um recorte seletivo, uma amostra intencional, através de critérios pré-estabelecidos vinculados ao objeto da pesquisa. Por meio da leitura e interpretação das letras escolhidas a partir de categorias de análise, identifico e compreendo os elementos religiosos presentes nas obras de Prabhupada, sobre as quais fiz uma pesquisa documental. As obras de caráter religioso foram referenciadas no

decorrer do texto e listadas no final como fontes documentais, já que utilizo livros religiosos e acadêmicos na pesquisa.

Para a seleção das músicas interpretadas estabeleci algumas categorias de análise que são fundamentais no movimento Hare Krishna: O maha-mantra Hare Krishna, a devoção à Krishna, a ideia de maya (ilusão material) e de liberação (retorno ao mundo espiritual). Dentre as músicas que apresentam uma relação direta com o Vaishnavismo selecionei algumas a partir dessas categorias. Segundo Carr, “[...] os fatos falam apenas quando o historiador os aborda: é ele quem decide quais os fatos que vêm à cena e em que ordem ou contexto. [...] O historiador é necessariamente um selecionador. A partir disso, é sua tarefa separar e organizar os fatos para que possa organizá-los, e então estabelecer sua interpretação a respeito do objeto estudado.” (2002, p. 47-48)

O método aplicado nesta pesquisa consiste basicamente em interpretar e buscar relações entre as fontes selecionadas, as letras de algumas músicas de George Harrison e a filosofia da consciência de Krishna presente nos livros de Prabhupada, que escreveu cerca de setenta obras de traduções e comentários da literatura védica. Essas obras contêm toda a teologia do movimento Hare Krishna e são as principais fontes para compreender a filosofia do movimento e sua relação e influência nas composições de George. Prabhupada fundou uma editora, a Bhaktivedanta Book Trust, que publica seus livros até os dias atuais.

Selecionei alguns livros do mestre Prabhupada que acredito abarcarem as categorias de análise estabelecidas para análise e interpretação das músicas, são eles: *A ciência da auto-realização* (1995), *Além do nascimento e da morte* (1989), *Vida Simples*, *Pensamento Elevado* (1991), *Krishna, o reservatório de prazer* (2008), *Elevação à consciência de Krishna* (1980), *Ensinamentos do Senhor Caitanya: um tratado sobre a genuína vida espiritual* (1990), *Fácil viagem a outros planetas* (1986), *A Perfeição da Yoga* (1978), *Karma, a justiça infalível* (2010), *Sri Isopanisad* (1981), *Um presente inigualável* (1981), *Cante e seja feliz* (1983), *O néctar da instrução* (2002), *Bhagavad-Gita como ele é* (2009) e todos os volumes do *Bhagavata Purana ou Srimad Bhagavatam*. Usarei também uma biografia de Prabhupada intitulada *Prabhupada- um santo no século XX* (1995), escrita por um discípulo, Satsvarupa Dasa Goswami.

Segundo Carr (2002), um documento passa a significar alguma coisa quando o historiador trabalha e decifra o material. Os documentos e os fatos por si mesmos não constituem a história. Nesse sentido, interpreto, partindo dos objetivos traçados e das categorias de pesquisa (categorias analíticas), as letras das músicas escolhidas, identificando e relacionando a elas as ideias de Prabhupada e do movimento para a consciência de Krishna contidas nos livros escolhidos. Atento para a ideia de que não há imparcialidade na construção do conhecimento histórico, pois, de acordo com Carr (2002), os fatos da história são sempre refletidos por meio da mente do registrador. O leitor deve estudar e entender o que se passa na consciência do historiador, pois este obterá o tipo de fatos que quer.

1. O MOVIMENTO HARE KRISHNA

O movimento Hare Krishna tal qual o conhecemos hoje vem da tradição religiosa Vaishnava, uma das muitas tradições que fazem parte do hinduísmo. O termo hinduísmo, que é usado para denominar a religião indiana moderna, é genérico e não era usado pelos indianos, além de não aparecer em nenhum dos Vedas, as escrituras sagradas das tradições abarcadas pelo hinduísmo. Aisnee Embree diz que:

O cenário físico é a terra que, desde épocas passadas, o mundo ocidental conhece como sendo a Índia, uma palavra que os gregos tomaram emprestado dos persas, que, por causa da dificuldade que tinham com o “s” inicial, chamavam o grande rio Sindhu (moderno Indu) de “Hindu”. Foi com esta palavra que os estrangeiros passaram a designar a religião e a cultura dos povos que viviam na terra banhada pelos dois rios, o Indo e o Ganges, embora os próprios nativos não usassem o termo. (EMBREE, 1972, apud OLIVEIRA, 2009, p.01)

Max Weber relata que:

A palavra hinduísmo ou hindu é uma expressão que aparece pela primeira vez com a dominação islâmica ao referir-se aos nativos da Índia não convertidos. Os próprios indianos não hão começado a designar como hinduísmo sua afiliação religiosa até a literatura moderna. (WEBER, 1996, apud OLIVEIRA, 2009, p. 2)

Podemos concluir que o termo hinduísmo é criado para designar práticas religiosas diversas por indivíduos que possuíam cultura e religiosidade diferentes daqueles a quem se referiam como hindus. O termo hinduísmo ou hindu generaliza diferentes tradições religiosas e no início não era usado pelas pessoas tidas como hindus ou praticantes do hinduísmo.

O mestre Prabhupada, que trouxe o Vaishnavismo para o ocidente, fato que nos atentaremos mais adiante, diz que:

Faz-se ideia errada do movimento para a consciência de Krishna ao apresentá-lo como religião hindu. Entretanto, a consciência de Krishna não é alguma forma de fé ou religião que procure destruir qualquer outra fé ou religião. Pelo contrário, é um movimento cultural essencial para toda a sociedade humana e não se considera nenhuma fé sectária particular. Este movimento cultural destina-se especialmente a educar as pessoas como elas devem amar a Deus. Às vezes, os indianos, tanto

fora quanto dentro da Índia, pensam que estamos pregando a religião hindu, mas na verdade não é isso. Ninguém encontrará a palavra “hindu” no Bhagavad-gitã. Na realidade, essa palavra “hindu” não existe em nenhuma parte da literatura védica. Esta palavra foi introduzida pelos muçulmanos provenientes das províncias próximas da Índia, como o Afeganistão, o Baluchistão e a Pérsia. Existe um rio chamado Sindhu que faz fronteira com as províncias situadas ao noroeste da Índia, e, uma vez que os muçulmanos daquela região não conseguiam pronunciar corretamente a palavra Sindhu, eles chamavam o rio de “Hindu” e os habitantes desta região de “hindus”. Na Índia, segundo o idioma védico, os europeus são chamados *mlecchas* ou *vavanas*. De modo similar, “hindu” é um nome dado aos indianos pelos muçulmanos. [...] Deve-se compreender claramente que o movimento para a consciência de Krishna não está pregando a suposta religião hindu. Estamos apresentando uma cultura espiritual que pode resolver todos os problemas da vida, e por isso ela está sendo aceita em todo o mundo. (PRABHUPADA,1980. p 121 a 127)

O Vaishnavismo é monoteísta, caracterizando-se pela devoção à Vishnu ou Krishna, o Deus supremo. Historicamente encontramos as raízes do culto nos antigos textos védicos (de cerca de cinco mil anos) que apresentam a doutrina que antes era praticada e transmitida por via oral.⁴

Segundo Silveira (2003), no livro *The religion of India* Max Weber toca num ponto de extrema importância ao expor que no hinduísmo não há uma Religião nem uma Igreja no sentido cristão. As *sampradayas*, as correntes de sucessão discipular, são o que estaria mais próximo do que os ocidentais chamam “religião”, como comunidades de pessoas com aspirações comuns e que seguem os mesmos caminhos rumo ao sagrado.

Segundo Oliveira (2009), o Vaishnavismo moderno se autocaracteriza como “Gaudya”. Esse termo remete a região da Índia entre o lado sul das montanhas dos Himalaias e o lado norte das colinas Vindhyâ, faixa da Índia que divide-se em cinco partes ou províncias (Pañca- gaudadesa). Também há outros termos utilizados para se referir a um Vaishnava como Udiyãs, em Orissa e Drãvida, como são conhecidos os devotos do sul da Índia. Os precursores do culto Vaishnava atual, que são aceitos pelos Gaudya-Vaishnavas, representam as quatro principais sampradayas e pregavam nessas províncias, são os mestres Ramanuja, Madhva, Vishnuswami e Nimbarka, filósofos que viveram no

⁴ Disponível em <http://www.pswami.com.br/vaishnava/raizes.html> Acesso em 18/12/2012

período da nossa época medieval. Segundo o Vaishnavismo moderno as sampradayas são de origem divina.

O mestre brasileiro Purushatraya Swami diz que o movimento Hare Krishna é ligado à linha Vaishnava Brahma-Madhva-sampradaya⁵. Silveira (2003) inclui o termo Gaudya, salientando que o movimento Hare Krishna pertence à sampradaya BrahmaMadhva-Gaudya-Vaishnava. O Vaishnavismo no qual o movimento Hare Krishna está inserido é o Gaudya-Vaishnavismo. Segundo Silveira (2003), Gaudya Desh é o nome da região nordeste do Vale do Ganges, que abrange a Bengala Ocidental, Orissa e Bangladesh. De acordo com Carbonieri (2009), Gaudya se refere a Gaura, como também era conhecido Caitanya Mahaprabhu.

Segundo a tradição Vaishnava, o conhecimento védico foi falado por Krishna, Deus, e vem sendo transmitido através da sucessão discipular, conhecida como paramparã. Prabhupada (2010) informa que com o passar do tempo a sucessão discipular foi rompida e há cinco mil anos Krishna precisou vir à terra para restabelecê-la. No século XVI esse método de transmissão do conhecimento já havia sido novamente interrompido e então Krishna adveio como o senhor Caitanya⁶ Mahaprabhu para restabelecê-la.

Para compreender as manifestações de Krishna na terra é necessário considerar que sendo Deus, ele é um só, mas pela sua onipotência e onipresença tem o poder de se expandir em diversas formas. Prabhupada diz:

Nos Vedas, também se diz que o Senhor, embora seja o primeiro e único, manifesta-se em inúmeras formas. Ele é como a pedra vaidûrya, que muda de cor, mas permanece a mesma. Todas essas formas múltiplas são compreendidas pelos devotos puros e imaculados, mas não por alguém que empreende um mero estudo dos Vedas. (PRABHUPADA, 2010. p. 210)

Aqui é importante destacar que na perspectiva Vaishnava, Krishna (Deus) só pode ser compreendido pela devoção e não pela especulação mental e erudição. Ele se revela para o devoto que o serve com amor e devoção. Outro aspecto fundamental é o papel do guru ou mestre espiritual, também conhecido pelo termo *acharya*, que significa “aquele que ensina pela sua própria vida, pelo exemplo”, sendo o exemplo perfeito do que se

⁵ Idem

⁶ Lê-se Tietanya ou cheitanya

prega. No Bhagavad-Gitã, Krishna diz: “Tente aprender a verdade aproximando-se de um mestre espiritual. Faça-lhe perguntas com submissão e preste-lhe serviço. As almas auto-realizadas podem lhe transmitir conhecimento porque elas são videntes da verdade” (Bhagavad-Gita, capítulo 4, verso 34) Portanto nesse processo é fundamental a relação guru-discípulo e a transmissão do conhecimento através da sucessão discipular.

Sri Krishna Caitanya, que apareceu no final do século XV na Índia, é tido pelos Vaishnavas como o próprio Krishna. Aparecendo como um devoto puro, que veio para mostrar aos seres humanos como amar e servir a Deus, espalhando o canto congregacional do mantra Hare Krishna por toda a Índia. Foi ele, portanto, que inaugurou o movimento Hare Krishna. Segundo Prabhupada (2010), nesta era de KaliYuga, que é uma era de desavenças e hipocrisias, Caitanya prescreveu como método especial para se alcançar a compreensão espiritual o cantar dos santos nomes de Krishna. O maha-mantra Hare Krishna é cantado de maneira congregacional, publicamente, com instrumentos musicais (Hari Nama Sankirtana) e também individualmente, através de um colar de contas onde se recita o mantra em cada uma das cento e oito contas (japa ou meditação mântrica)

Caitanya Mahaprabhu foi responsável por difundir o culto Bhakti, a devoção ou serviço devocional amoroso à Krishna. Caitanya foi responsável por uma verdadeira revolução religiosa-filosófica na Índia, pois pregava que qualquer um, independente da casta, poderia se tornar um devoto puro de Krishna e também um mestre espiritual, dependendo de suas qualificações pessoais desenvolvidas na vida. Segundo Silveira, “[...] a devoção à Krishna, popularizada por Sri Chaitanya, criou uma instituição de *swamis* não ortodoxos, que aceitavam oferendas e davam bênçãos às castas inferiores, das quais muitos se originavam” (SILVEIRA, 2003. p. 274). Sobre este assunto Prabhupada expõe que:

Em qualquer posição que alguém esteja, se ele possui pleno conhecimento sobre a ciência de Krishna, a consciência de Krishna, pode tornar-se um mestre espiritual genuíno, iniciador ou professor desta ciência. [...] A posição não depende de uma situação específica na sociedade ou no nascimento. Esta é a conclusão do Senhor Caitanya Mahaprabhu, e está em concordância com os preceitos védicos. [...] Existem instruções claras no *Mahabharata* e *SrimadBhagavatam* (7.11.32) afirmando que uma pessoa- seja ela brahmana, ksatrya, vaisya ou sudra- deve ser aceita por suas qualificações pessoais e não pelo nascimento. (PRABHUPADA, 1990, p. 269)

Na sucessão discipular em que se encontra o movimento Hare Krishna pode-se destacar, dentre outros, os discípulos de Caitanya, os seis Goswamis de Vrindavana⁷, o mestre Bhaktivinoda Thakur (1838-1914), que segundo Silveira (2003), redescobriu o lugar de nascimento de Caitanya, Sri Mayapur Dham, recriando-a de acordo com o que era narrado nas suas biografias, e Bhaktisiddhanta Sarasvati, o mestre de Prabhupada, que atuou no início do século XX pregando as mensagens de Caitanya.

A. C Bhaktivedanta Swami Prabhupada, que está na sucessão discipular que foi restabelecida pelo Senhor Caitanya, recebeu de seu mestre espiritual Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura a missão de ensinar a ciência de Krishna e o maha-mantra Hare Krishna no Ocidente. Seu mestre também pediu que traduzisse os ensinamentos do Senhor Krishna para a língua inglesa. (GOSWAMI, 1995)

Assim, Prabhupada veio para o ocidente incumbido de ensinar bhakti-yoga, o serviço devocional a Deus. Desembarcou nos Estados Unidos em 1965, primeiramente em Boston, depois Nova Iorque e São Francisco, com alguns trocados e seus livros e em pouco tempo fundou a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (International Society for Krishna Consciousness- ISKCON). Deu palestras em diversas partes do mundo e construiu uma confederação mundial de templos, comunidades rurais e escolas. Veio pregar que em essência os seres vivos são almas espirituais eternas e que sua posição constitucional é servir e amar a Deus, alcançando a perfeição da vida. Prabhupada colocou em prática uma previsão de Caitanya de que o mantra Hare Krishna seria cantado em todas as aldeias e cidades do mundo (GOSWAMI, 1995)

Outros vaishnavas haviam pregado no ocidente, mas nenhum obteve tanto êxito como Prabhupada, que é o acharya da Iskcon, pois sua vida não destoava de seus ensinamentos, sendo o exemplo daquilo que pregava. Para os devotos Hare Krishna ele ainda está no comando, pois seus sucessores continuam seguindo seus exemplos e instruções. Para os devotos, Prabhupada obteve a realização espiritual, pois é um devoto puro de Krishna que se libertou do ciclo de nascimentos e mortes e foi para o mundo espiritual.

⁷ Local sagrado para o Vaishnavismo, onde Krishna exibiu seus passatempos transcendentais quando esteve pessoalmente na Terra há cerca de cinco mil anos.

Segundo Silveira (2003), Weber denomina como Karma-free, a libertação do ciclo de nascimentos e mortes através de uma ação desapegada, sem apego aos frutos, mas orientada para Krishna, o Senhor Supremo. Sendo assim, qualquer ação pode ter valor sagrado desde que realizada com profunda indiferença, como manifestação de devoção à Krishna, sendo este conhecimento que Prabhupada veio ensinar no ocidente.

Vale ressaltar que, no vaishnavismo, determinadas atividades são consideradas pecaminosas e não devem ser realizadas, sendo um impedimento para o avanço espiritual. Deve-se agir objetivando a satisfação de Krishna, evitando ações pecaminosas, de acordo com as escrituras. A lei do Karma é discutida por Prabhupada em seu livro *Karma, a justiça infalível* (1990), onde se encontra a ideia da lei da natureza material, sendo que toda ação tem uma reação, seja ela boa ou ruim. A ideia é que a pessoa situada em consciência de Krishna está na plataforma espiritual e não é submetida às leis da natureza material, está além do karma e obtém a realização espiritual no relacionamento pessoal com Krishna.

Carbonieri (2009) analisa o caráter carismático de Prabhupada a partir da teoria de Weber, que diz: “o carisma pode ser – e somente neste caso merece em seu pleno sentido esse nome – um dom pura e simplesmente vinculado ao objeto ou à pessoa que por natureza o possui e que por nada pode ser adquirido (...)”. (WEBER apud CARBONIERI, 2009)

Segundo Prabhupada (1983), todos nós somos originalmente entidades conscientes de Krishna. Por causa do contato com a matéria desde tempos imemoriais, nossa consciência está poluída pela atmosfera material. Tentamos dominar a natureza material, mas estamos sob suas rigorosas leis. O processo de cantar o mantra “Hare Krishna Hare Krishna Krishna Krishna Hare Hare/ Hare Rama Hare Rama Rama Rama Hare Hare” desperta a consciência pura e original da entidade viva. O maha-mantra origina-se diretamente da plataforma espiritual e é indicado como ferramenta para a elevação da consciência a Deus.

Os pressupostos Vaishnavas baseiam-se em escrituras sagradas da Índia antiga, conhecidas como Vedas. Originalmente o conhecimento védico foi compilado por meio do sânscrito, um idioma milenar baseado no alfabeto devanagari. Segundo Prabhupada (1981), a raiz verbal de veda pode ter várias interpretações, mas o objetivo é somente um,

Veda significa conhecimento. Nesse sentido, os Vedas são o conhecimento original, não são meras compilações de conhecimento humano, eles vêm diretamente do mundo espiritual, do Senhor Krishna.

De acordo com Prabhupada (1986), os Vedas são divididos em quatro partes: Sama, Yajur, Rg e Atharva. Com finalidade de esclarecimentos, o épico histórico Mahabharata e os dezoito Puranas explicam os quatro Vedas. O épico histórico Ramayana também abrange o conhecimento dos Vedas. Os Upanisads são partes dos quatro Vedas e os Vedanta-sutras representam a nata dos Vedas. Para sintetizar todas essas literaturas védicas, o movimento Hare Krishna aceita o Bhagavad-Gita como a essência dos Upanisads e a explicação preliminar dos Vedanta-sutras, é, portanto, a essência dos Vedas, uma vez que é falado pelo Senhor Sri Krishna, a Suprema Personalidade de Deus. Há também o Srimad-Bhagavatan ou Bhagavata Purana, que narra os passatempos transcendentais de Krishna. Segundo Purushatraya Swami, “no caso da Consciência de Krishna, apesar de todas serem fontes de referência, as escrituras básicas que definem a doutrina são as seguintes: Bhagavad-gita, SrimadBhagavatam, Sri Isha Upanishad, a biografia de Caitanya Mahaprabhu chamada Sri Caitanya-charitamrta,” e outras obras de autores da linha.”⁸

Segundo a filosofia da consciência de Krishna, o Bhagavad-Gita foi falado por Krishna ao seu amigo e discípulo Arjuna há cerca de cinco mil anos, no campo de Batalha de Kuruksetra na Índia. Contém dezoito capítulos sendo um grande livro de conhecimento espiritual. O movimento Vaishnava para a Consciência de Krishna tem como princípio apresentar os textos védicos como eles são, procurando não mudar nada do que foi falado por Krishna. Como já foi dito, o conhecimento narrado por Krishna é passado de mestre para discípulo através da sucessão discipular.

A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada (1980), afirma que na Índia todos os mestres espirituais e escrituras aceitam Krishna como a Suprema Personalidade de Deus. Todas as autoridades reconhecem que Krishna é o Senhor Supremo e que quando Ele esteve presente neste planeta provou isso com suas atividades e opulências. Nesse sentido, Krishna é a Suprema Verdade Absoluta e todos os seres vivos possuem relação eterna com Ele. Krishna é o proprietário e o controlador Supremo, onipotente, onisciente

⁸ <http://www.pswami.com.br/vaishnava/raizes.html> - acesso em 18/12/2012

e onipresente, não há ninguém que O iguale ou que O supere, é pleno de poder, de riqueza, de fama, beleza, conhecimento e renúncia.

Prabhupada (1980) explica que a vida material é cheia de problemas: nascimento, doença, velhice e morte. Há também as misérias que se originam do corpo e da mente, de outras entidades vivas e de calamidades naturais. No mundo material estamos sob efeito da ilusão, maya, que significa aquilo que não é. Essa ilusão se dá na medida em que o mundo material é temporário e ficamos enredados no ciclo de nascimentos e mortes de acordo com nossas atividades e desejos, sujeitos às misérias e problemas materiais. O método para limpar a consciência da sujeira material é o canto do maha-mantra Hare Krishna, que desperta a consciência pura e original da entidade viva que é espiritual e possui uma relação pessoal eterna com a suprema Personalidade de Deus, Krishna.

Silveira (2003), ao analisar a obra de Weber já citada anteriormente, identifica que nas doutrinas de salvação indiana há um visível espírito de rejeição, não da imperfeição do mundo, mas da sua transitoriedade. Weber discorre também sobre a contemplação mística hindu e sua “extramundandade”. Segundo Oliveira, Bhaktisidhanta Saravasti tinha proposto um misticismo ativo aos seus discípulos, que foi realizado por Prabhupada, sem abrir mão da contemplação à Caitanya e seus símbolos. Essa extramundandade, que é centrada na contemplação dos símbolos ligados ao culto de Krishna, é estabelecida pelo cantar do mantra Hare Krishna.

2. GEORGE HARRISON NO MUNDO MATERIAL

George Harrison nasceu na cidade de Liverpool na Inglaterra no dia 25 de fevereiro de 1943, era o mais novo dentre os quatro integrantes dos Beatles. Segundo Oliveira Dos Anjos (2007), George havia sido uma criança feliz, que convivia com os parentes e sempre ouvia música, a qual concebia como dotada de uma transcendentalidade que nos toca de um modo imprevisível e nos sensibiliza de uma maneira que é impossível explicar. Sendo assim, pode acontecer de não nos darmos conta de que fomos tocados pela música, no entanto, sua manifestação irá transparecer em outro momento.

George era um guitarrista notável. Devido à sua habilidade, seu talento, intuição e sensibilidade - segundo estudiosos do rock, é considerado um dos maiores guitarristas que já existiu. Enquanto guitarrista dos Beatles, principalmente no início, ficava na sombra de John e Paul, que estavam sempre à frente das composições e lideravam a banda. Depois George, além da guitarra, começa a se aperfeiçoar como compositor e cantor e revela seu talento em diversas músicas da banda como *Something*, *Here Comes The Sun*, *Taxman*, entre outras. O álbum *All Things Must Pass* lançado após a separação da banda em 1970 fez muito sucesso e contém diversas composições que foram colocadas de lado na época dos Beatles.

Durante as gravações do filme *Help!* em 1965, George conheceu alguns músicos indianos que participavam de uma cena e teve contato com a cítara, ficando completamente maravilhado com o instrumento indiano. George conheceu e se tornou amigo do músico indiano Ravi Shankar, que o ensinou a tocar a cítara. A partir daí George introduziu a cítara na musicalidade dos Beatles, promovendo uma fusão entre oriente e ocidente e uma verdadeira revolução musical através das músicas que contavam também com outros instrumentos indianos como a tabla. George utilizou esses instrumentos em diversas composições suas como *Love You To*, *Within You Without You*, *The Inner Light*, *It's All Too Much* e *Only a Nothern Song*. (OLIVEIRA DOS ANJOS, 2007)

Após o contato com a cítara e Ravi Shankar, George passa a se interessar cada vez mais pela cultura e religiosidade indiana, influenciando os outros três colegas. Essa questão foi analisada em meu trabalho de conclusão de curso da graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina, intitulado *Tomorrow Never Knows-Orientalismo, contracultura e os Beatles*. Nesta pesquisa utilizei o conceito de orientalismo de Edward Said, a ideia de “domesticação” da cultura indiana, que agora

considero equivocada nessa relação dos Beatles com a Índia, pois investigando suas viagens a esse país e o modo como se relacionavam com sua cultura e religiosidade concluí que eles se aproximaram da cultura indiana com respeito, tolerância, compreensão e alteridade.

Enquanto integrante dos Beatles George era o mais espiritualizado. De acordo com Oliveira Dos Anjos (2007), era o que mais se interessava por religião, o “místico do grupo”, mas não se adequava à sua criação católica. No livro *THE BEATLES- Antologia* (2001) George diz que no seu bairro os padres coletavam dinheiro e erigiram uma enorme igreja com as doações. Considerava que havia muita hipocrisia, pois todos ficavam bêbados para depois irem à igreja recitar três salve-rainhas, um pai-nosso e deixar cinco centavos de esmola. Segundo Oliveira Dos Anjos (2007), notava a falsidade e passou a evitar a igreja católica. Na percepção de George, as pessoas muitas vezes falam que são cristãs sem estar em harmonia com Cristo ou sem demonstrar essa harmonia através de seus atos, querem que você acredite nelas e não que tenha uma experiência direta com a religião.

George foi para a Índia com sua primeira esposa, a modelo Pattie Boyd, em 1966 para ter aulas de cítara com Ravi Shankar e lá encontra sua autêntica espiritualidade, através dos mestres e suas obras, baseadas nas escrituras sagradas milenares da Índia. Ele encontra uma espiritualidade sendo vivenciada na prática. George visitaria a Índia outras vezes.

Em setembro de 1966, George foi à Índia para “aprender” cítara, instrumento que já vinha tocando em algumas canções da banda de forma magistral. Ficou fascinado com o país, que visitou outras vezes. Foi lá que descobriu a sua religiosidade. Para George, Ravi Shankar e a cítara eram desculpas: a busca pelos *Iogues do Himalaia* era o real motivo da sua viagem. (THE BEATLES, 2001, p. 233)

Isso fica evidente quando, no documentário *Living in the material world*, de Martin Scorsese, George afirma que:

“Ravi e a cítara era como uma espécie de desculpa para tentar encontrar essa conexão espiritual. Eu li coisas de vários homens santos e Swamis e místicos e eu viajei e os procurei. Ravi e seu irmão me deram livros de alguns sábios. Um dos livros de Swami Vivekananda, dizia: ‘Se há um Deus você deve vê-lo, e se há uma alma, devemos percebê-la. Caso contrário é melhor não acreditar. É melhor ser um ateu sincero do que um hipócrita’. E por toda a minha vida tenho sido educado... Bem, eles tentaram me tornar um católico. Eles diziam para você apenas acreditar no que eles diziam e não para ter uma experiência direta. Para mim, ir para a Índia e ouvir alguém dizer: ‘você não pode acreditar em alguma coisa até que tenha uma percepção clara dela’. E eu pensei: Uau, fantástico! Finalmente encontrei alguém que faz algum sentido. Então eu queria me aprofundar cada vez mais.” (SCORSESE, 2011)

Depois da primeira visita à Índia George passa a se interessar por meditação transcendental e conhece o guru indiano Maharishi Mahesh Yogi, apresentando-o aos outros colegas dos Beatles. George e John estavam fascinados com Maharish e os Beatles decidem ir à Índia ficar no seu ashram⁹ em 1968.

Paul e Ringo vão embora antes de George e John. No entanto, um amigo da banda que estava com eles, Magic Alex, adverte-os de que o guru havia flertado com uma jovem aluna. Esse acontecimento os desiludiu, principalmente John, que depois escreve uma canção sobre o episódio, intitulada *Sex Sadie*. Apesar da versão de Alex sobre Maharish nunca ter sido provada, George também acreditou no amigo e após o ocorrido permaneceu por apenas mais alguns dias na Índia.¹⁰

A partir daí tem início o processo que culminará no fim da banda no ano de 1970. Durante as viagens para a Índia George já se revelava como um grande compositor, à altura de John e Paul. Seu talento como compositor e cantor não era menor do que como guitarrista. No entanto, a dupla Lennon e MacCartney não reconhecia devidamente sua habilidade como compositor, as músicas de Lennon e MacCartney, e não as de George, eram prioridade nas gravações.

Segundo Oliveira Dos Anjos (2007), George se sentia incomodado com isso, mas foi se acostumando à situação, buscando a oportunidade de mostrar todo seu talento. A partir de 1968 os fãs e a crítica começam a reconhecer sua competência e isso ocorre também dentro da banda. Estava evidente que o talento de George como compositor era

⁹ Local tranquilo em meio à natureza utilizado para fins espirituais.

¹⁰ Disponível em <http://obaudoedu.blogspot.com.br/2010/07/viagem-dos-beatles-india.html>- Acesso em 03/3/2013

equivalente ao seu incontestável talento como guitarrista e se igualava ao de John e Paul. Entretanto, os Beatles estavam se separando, um processo gradual que chegaria ao fim em 1969 e oficialmente em 1970.

George não gostava muito da fama, preferia ficar longe dos holofotes, tanto que ficou cerca de 20 anos sem fazer shows até voltar ao palco no *Live in Japan* em 1992. George tinha um senso de humor notável e era dotado também de uma enorme compaixão e amor ao próximo. Em agosto de 1971, realizou o *Concerto para Bangladesh*, que aconteceu no Madison Square Garden em Nova Iorque e reuniu músicos renomados como Bob Dylan, Eric Clapton, Billy Preston, Leon Russel e o exBeatle Ringo Starr.

Foi o primeiro show beneficente desse porte e inspirou muitos outros que vieram depois. Toda a renda arrecadada foi doada para a UNICEF, inclusive a da venda do álbum e do DVD, que até hoje vai para a contribuição de George para a entidade. George era também uma pessoa que sabia perdoar, em acordo com Oliveira Dos Anjos (2007), sua espiritualidade modificou e aperfeiçoou sentimentos que faziam com que fosse diferente dos artistas egocêntricos e vaidosos. Desse modo, nunca se colocava numa posição de superioridade, apesar de sua magnificência como músico e compositor.

No final da década de 1980, George se reuniu com quatro amigos, Bob Dylan, Tom Petty, Roy Orbison e Jeff Lynne para formar a banda The Traveling Willbury's. Em 1997 foi diagnosticado com câncer na garganta, começa então a luta contra doença, sempre confiante e corajoso, não temia a morte e a encarava de maneira natural, como homem espiritualizado. Em 1999, foi esfaqueado dentro de sua casa e escapou da morte por causa de sua esposa Olivia, que desferiu golpes com um abajur contra o agressor. (OLIVEIRA DOS ANJOS, 2007)

George faleceu em 29 de novembro de 2001, devido ao câncer. Chefes de governo, amigos, músicos e ministros de Estado se manifestaram de alguma forma em relação a George quando ele se foi, aconteceram muitas homenagens. Um ano depois de sua morte, seus amigos mais próximos lhe fizeram uma homenagem através de um show intitulado *Concert for George*. Estavam presentes Ravi Shankar e outros músicos indianos, Eric Clapton, Tom Petty, Jeff Lynne, Joe Brown, Jools Holland, além de Paul McCartney e Ringo Starr.

Como já foi exposto anteriormente, o primeiro contato de George com a consciência de Krishna foi durante suas viagens à Índia. Quando o movimento Hare Krishna chegou à Inglaterra ele e John já tinham um disco de Prabhupada e já haviam cantado o maha-mantra Hare Krishna. Mais importante do que o encontro de George com Maharish é seu encontro com Bhaktivedanta Swami Prabhupada que marcou profundamente sua trajetória espiritual.

Prabhupada chegou aos Estados Unidos a bordo do navio Jaladuta em 1965 com alguns trocados e algumas cópias de seus livros. Depois de passar pela Transilvânia e pela Filadélfia vai para Nova Iorque onde, depois de passar por muitas dificuldades, se estabelece no Lower East Side, mais especificamente no número 26 da Segunda Avenida. Nesse endereço ele inaugura o primeiro templo Hare Krishna dos Estados Unidos e inicia seus primeiros seguidores, fundando em 1966 a Sociedade Internacional da consciência de Krishna – ISKCON (International Society for Krishna Consciousness). Em 1967 vai para San Francisco na Califórnia pregar a consciência de Krishna entre os hippies do Haight-Ashbury e em 1968 já havia templos em Los Angeles, Santa Fé, Boston, Seattle e Montreal. Prabhupada decide então que é o momento de levar o movimento para a Europa.

Prabhupada começou a organizar a abertura de um templo em Londres e para isso contou com a ajuda de alguns discípulos que já haviam ajudado a pregar na América do norte. Eram três casais de devotos, Mukunda e Janaki, Guru Dasa e Yamuna, e Syamasundara e Malati. Lá eles passaram por muitas dificuldades vivendo como casais separados em diferentes partes da cidade e não podendo receber salários porque eram estrangeiros, mas continuavam inspirados pelas cartas de Prabhupada.¹¹

Os devotos por diversas vezes haviam tentado em vão um contato com os Beatles a fim de apresentar o mantra Hare Krishna para o mundo. Syamasundara vai até a sede da Apple Records com o objetivo de se encontrar com alguém próximo aos Beatles. George sai de uma conferência no andar de cima e quando entra na sala vê Syamasundara, senta ao seu lado e diz: “Onde vocês estavam? Faz dois anos que tenho tentado encontrar os Hare Krishnas”. Eles conversaram por uma hora no meio de uma multidão que se espremia entre eles. No outro dia Syamasundara almoçou com George e conheceu os

¹¹ http://www.youtube.com/watch?v=M_2o4nFp6IU Acesso em 5/3/2013

outros Beatles, todos tinham perguntas, mas George se mostrava especialmente interessado.¹²

Syamasundara continuou se encontrando com George e se tornaram amigos, os devotos queriam que os Beatles gravassem um disco cantando Hare Krishna, mas George sugeriu que eles cantassem e ele produziria sob o selo da Apple. Cerca de doze devotos se reuniram no estúdio de gravação da EMI na Abbey Road. Paul e Linda ficaram na mesa de controle e George tocou órgão, baixo e outros instrumentos enquanto os devotos tocaram e cantaram. Prabhupada marca sua chegada em Londres para o início de setembro de 1969.¹³ O primeiro single gravado por George e os devotos foi lançado em agosto de 1969 com os créditos para o Radha Krishna Temple, depois outro foi lançado em março de 1970 e o álbum Radha Krishna temple-Chant and Be Happy foi lançado em 1971.

Guru Das encontrou um prédio no centro de Londres para onde iriam mudar se não fosse por empecilhos relacionados à imigração. John Lennon sugere então que os devotos fossem viver com ele em Tittenhurst, uma propriedade que ele havia comprado perto de Ascot. Os devotos foram para lá e Prabhupada chegaria algumas semanas mais tarde. Os devotos organizaram uma recepção para ele no aeroporto e John mandou um Rolls Royce branco ir buscá-lo.¹⁴

Quando já estava hospedado, George, John e Yoko foram conversar com ele e Prabhupada iniciou a conversa repetindo o seguinte verso do Bhagavad-gita: “Qualquer ação executada por um homem importante, é copiada pelos homens comuns, e o mundo inteiro procurará imitar os padrões que ele estabelecer através de seus atos exemplares” (Capítulo 3 verso 21). Prabhupada continuou: “Dessa forma, pela graça de Deus vocês são líderes, milhares de jovens seguem vocês. Então, se vocês derem a eles algo realmente bom, a face do planeta será mudada. Vocês devem aprender a consciência de Krishna e ajudar a ensiná-la ao mundo” Eles conversaram por mais de uma hora e depois Yoko disse a John: “Veja quão simples é a vida dele. Você conseguiria viver assim?”¹⁵

¹² Idem.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=qAoyy2kHNaQ> Acesso em 5/3/2012

¹⁵ Idem.

As conversas entre George, John, Yoko e Prabhupada foram gravadas e lançadas em livro pela BBT com título *Em busca da liberação (1981)*.

Prabhupada depois se muda para o prédio que os devotos haviam comprado e que seria o templo Hare Krishna de Londres (Radha Krishna Temple). Houve uma cerimônia de instalação das deidades, Prabhupada nomeou-as Sri Sri Radha London Ishvara (Radha e Krishna, os controladores de Londres). A apple Records contratou um florista profissional para decorar o templo e uma equipe de televisão da BBC foi cobrir o evento.¹⁶ George continuou se relacionando com Prabhupada até sua partida deste mundo e a amizade com os devotos dura até o fim da sua vida em 2001.

George falou sobre Prabhupada anos depois em uma entrevista realizada por Mukunda publicada em livro, a primeira edição em português é de 1983. Ele diz:

O movimento de Prabhupada está indo muito bem. Está crescendo rapidamente (...) por causa de Prabhupada, a consciência de Krishna tem sem dúvida se espalhado mais nos últimos dezesseis anos do que se espalhou desde o século XVI, desde o tempo do senhor Caitanya. O mantra tem se espalhado mais rapidamente e o movimento está cada vez maior. Seria incrível se todos cantassem. Todos se beneficiariam fazendo-o. Por mais dinheiro que você consiga, você não alcança a felicidade. Você precisa encontrar sua felicidade com os problemas que tem. Não se importe muito com eles e cante Hare Krsna, Hare Krsna, Krsna Krsna, Hare Hare. (PRABHUPADA, 1983, p.11)

Em outro momento da entrevista George continua:

(...) quando o encontrei pela primeira vez, eu o subestimei. Naquela ocasião, não pude compreender isso, mas agora vejo que, por causa dele, o mantra se espalhou tão rapidamente nos últimos dezesseis anos, mais do que nos últimos cinco séculos. Isso é muito impressionante, porque ele estava ficando cada vez mais velho, e ainda assim escrevia seus livros o tempo todo. Mais tarde, compreendi que ele era muito mais incrível do que o que você podia ver na superfície. Mukunda: que coisa dele se gravou mais em sua mente?

George: O que sempre permanece é ele dizendo: “Sou um servo do servo.” Eu gosto disso. Muitas pessoas dizem: “Eu sou isso. Sou a encarnação divina. Aqui estou, deixe-me desbançar você.” Entende o que quero dizer? Mas Prabhupada nunca foi assim. Eu gostava da humildade de Prabhupada. Sempre gostei de sua humildade e de sua simplicidade. O servo do servo do servo é realmente o que somos, entende? Nenhum de nós é Deus- somos apenas seus servos. Ele simplesmente fazia-me sentir tão bem. Sempre me senti muito à vontade com ele, e me sentia mais como um amigo. Para mim, ele era

¹⁶ ibidem

um bom amigo. Muito embora ele tivesse 79 anos de idade na época, trabalhando praticamente a noite toda, dia após dia, dormindo pouquíssimo, ainda assim ele não me tratava com a atitude de um intelectual altamente educado porque ele tinha um tipo de simplicidade infantil. Isto é incrível, fantástico. Embora ele fosse o maior erudito em sânscrito e um santo, eu apreciava o fato de que ele jamais me fez sentir-me desconfortável. De fato, ele nunca media esforços para fazer com que eu me sentisse à vontade. Eu sempre o tinha como uma espécie de amigo amoroso, realmente, e ainda hoje ele é meu amigo amoroso. Mukunda: Em um de seus livros, Prabhupada disse que seu serviço sincero foi melhor que o de certas pessoas que pesquisaram mais profundamente a consciência de Krishna mas não puderam manter o seu nível de fé. Como você se sente a este respeito? George: Maravilhoso. É algo que me deu esperanças, porque, como dizem, mesmo um momento na companhia de uma pessoa divina, de um devoto puro de Krsna, pode ajudar tremendamente. E acho que Prabhupada realmente ficou satisfeito com a ideia de que alguém de fora do templo estava ajudando a fazer o álbum. O simples fato de ele estar satisfeito foi encorajador para mim. Eu sabia que ele gostava do disco “O Mantra Hare Krishna”, e ele pediu aos devotos que sempre tocassem aquela canção “Govinda”. Eles ainda a tocam, não é mesmo? (PRABHUPADA, 1983, p.20 e 21)

Pode-se perceber o quanto Prabhupada foi importante para George, apesar de não ter sido um discípulo formal, está mais do que claro que George passou a seguir e praticar os ensinamentos de Prabhupada em sua vida, o que ficará ainda mais evidente quando interpretarmos algumas letras de suas canções. A canção *Govinda* é tocada até hoje em muitos templos da ISKCON no mundo na segunda cerimônia do dia, pela manhã. (PRABHUPADA, 1983)

Para pensarmos sobre a questão da identidade de George utilizarei a teoria de Cuche, que diz que “a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais” (2002, p.183)

Outra questão é que a identidade existe sempre em relação a uma outra, estando identidade e alteridade sempre ligadas e numa relação dialética. O mais adequado seria usar o conceito identificação ao invés de identidade, pois a identidade é sempre resultante de um processo de identificação no interior de uma situação relacional. (CUCHE, 2002)

O conceito elaborado por Cuche (2002) que melhor se encaixa no caso de George Harrison é o de identidade multidimensional, consistindo em que nenhum indivíduo ou grupo está fechado a priori em uma identidade unidimensional. O indivíduo que faz parte de várias culturas faz sua própria identidade por meio de uma síntese original a partir

destes diferentes materiais, resultando em uma identidade sincrética. Cada pessoa integra, de maneira resumida, a pluralidade das referências identificatórias que estão ligadas à sua história. Sendo assim, cada indivíduo tem consciência de ter uma identidade de maneira variável, segundo as dimensões do grupo ao qual ele faz referência em tal ou tal situação relacional. Pode-se aplicar essa ideia à vida de George na medida em que passa a praticar a consciência de Krishna, mas continua usando roupas ocidentais e cabelo comprido, por exemplo. George diz:

(...) A consciência de Krsna era especialmente boa para mim porque eu sentia que não precisasse raspar a cabeça, mudar para o templo e ser devoto de tempo integral. Assim era uma coisa espiritual que se adaptava muito bem ao meu estilo de vida. Eu ainda podia ser músico, mas só fiz mudar minha consciência, isso é tudo. (PRABHUPADA, 1983, p.14)

Portanto, George adotou a consciência de Krishna e continuou sendo músico. Apesar de ter aderido a uma nova concepção religiosa e visão de mundo, não perde sua identidade anterior como guitarrista e musicista.

3. PAZ, AMOR E HARE KRISHNA

Para compreender essa relação de George Harrison com o movimento Hare Krishna é necessário analisar o contexto em que se deu a relação, na época do movimento de contracultura, pois é nesse momento que Prabhupada chegou aos Estados Unidos e que George toma contato com seus ensinamentos.

Segundo Pereira (1986), a contracultura dos anos 1960 era um movimento de contestação que questionava a cultura oficial, estimada e justificada pelo “sistema”, pelo *establishment*. A juventude que participava deste movimento almejava cair fora do sistema. Entre eles havia o consentimento de que aquela sociedade e cultura estavam “doentes”. Não tinham esperança no futuro e estavam desiludidos com o presente, tentavam então criar um mundo alternativo, underground, que estava nos limites daquele mundo depreciado, ou o que se acreditava ser o outro lado de seus muros. Rejeitavam não só os valores estabelecidos, mas também a estrutura de pensamento que prevalecia nas sociedades ocidentais, a preponderância da racionalidade científica, levando a outras possibilidades de interpretação da realidade, considerando o desenvolvimento de formas sensoriais de percepção.

A juventude é essencial na contracultura, que está impregnada de um “espírito juvenil”. De certa forma, evidencia-se o surgimento de um poder jovem que ia aparecendo como uma manifestação cada vez mais perturbadora do ponto de vista do status quo. (PEREIRA,1986)

Segundo Pereira (1986), a sociedade que esse da contracultura questionou é a tecnocrática, que procura o máximo de modernização, racionalização e planejamento; dá preferência aos aspectos técnico-rationais em detrimento dos sociais e humanos, reforçando uma inclinação cada vez maior para a burocratização da vida social. Tudo isto embasado e auxiliado pelo dogma da ciência, pela crença absoluta na objetividade do conhecimento científico e na palavra do especialista, o intérprete autorizado do discurso da tecnologia, da produtividade e do progresso.

Dessa maneira, a tecnocracia se afirma como uma imposição cultural incontestável e indiscutível à cuja subordinação grande parte da população do final do século XX se entrega. Sendo assim, no embate contra esse sistema repressivo e massificante, uma das marcas mais fortes de toda a contestação da juventude será a relevância na afirmação da individualidade, que ao lado de outras características não menos importantes vai afazer com que os jovens fiquem longe das formas mais tradicionais de luta política.

O Rock já vinha se afirmando diante da juventude da contracultura como uma forma de contestação dos valores desde os anos 1950 e é nos anos 1960 que o seu caráter contracultural atinge o auge. Segundo Pereira (1986), a música, mais precisamente o rock,

foi uma das saídas encontradas pela juventude para expressar suas ideias e seu descontentamento com a sociedade em que viviam.

Durante a segunda metade da década de 1960 destacam-se os festivais, que foram os grandes acontecimentos musicais da contracultura e reuniram grande parcela de grupos, compositores e intérpretes, além de um público gigantesco. Dentre esses festivais, que aconteceram principalmente em cidades dos Estados Unidos e da Europa, destacam-se o de Woodstock e o de Altamont não só pela importância que tiveram na música, mas também no movimento de contracultura como um todo. (PEREIRA,1986).

Dentro do cenário da contracultura não podemos deixar de analisar a importante atuação dos hippies. Segundo Pereira (1986), desde o começo da década de 1960 eles já se faziam notar nas ruas dos Estados Unidos. Rapidamente se espalharam por todo o mundo. O *flower power* começava a conquistar o seu lugar com o apoio de artistas e intelectuais como Andy Warhol, Ginsberg, Timothy Leary, Alan Watts, McLuhan, Marcuse e outros. Avenidas e algumas partes das principais das principais cidades dos Estados Unidos transformaram-se em verdadeiros redutos de hippismo, como aconteceu, por exemplo, em Haight Ashbury em São Francisco, Sunset Boulevard em Los Angeles, Old Town em Chicago e East Village em Nova Iorque.

Aqui é importante destacar o pacifismo presente na contracultura dos anos 1960. São deste período as grandes marchas pacifistas contra as guerras e as passeatas hippies com seus slogans alegres, sua música, suas cores e influência do oriente. De acordo com Pereira (1986), o movimento hippie necessitava fugir aos limites da sociedade e da cultura ocidentais para realizar a grande utopia da construção do seu paraíso de paz e amor. A filosofia do drop out (cair fora) consistia nisso. Os hippies queriam “cair fora” dessa camisa de força ocidental, o que constitui conquistar outro lugar, escapando ao mesmo tempo do cerco do espaço físico, institucional e lógico deste mundo ocidental. Os três grandes eixos de movimentação que caracterizaram a sublevação hippie são: sair da cidade para o campo, da família para a vida em comunidade e do racionalismo cientificista para os mistérios e descobertas do misticismo e psicodelismo das drogas.

A contracultura sem dúvida teve seus efeitos na religião, rompendo com o domínio das religiões cristãs e permitindo a entrada de religiões orientais, como o movimento Hare Krishna e outras. Desse modo, como observa Theodore Roszak, “[...] a

cultura ocidental começa a se assemelhar profundamente com o prostíbulo religioso do período helenístico, onde toda espécie de mistério e impostura ritual e rito misturavam-se com espantosa indiscriminação.” (1972, p.147)

Esse é o contexto em que Prabhupada chega aos Estados Unidos. Os jovens que encabeçavam toda essa efervescência cultural estavam muito receptivos às novas religiosidades e visões de mundo, principalmente aquelas advindas do oriente. Esse fenômeno não era previsto por Prabhupada:

Assim é que, em 1966, milhares de jovens caminhavam pelas ruas do Lower East Side, não apenas intoxicados ou loucos (embora frequentemente estivessem), mas em busca do objetivo da vida, sem dar nenhuma consideração “ ao sistem estabelecido” e à vida cotidiana adotada por milhões de americanos “certinhos”. Bhaktivedanta Swami surpreendeu-se de ver que a próspera terra americana pudesse gerar tantos jovens insatisfeitos. Naturalmente, isso era outra prova de que o bem estar material, a marca registrada da vida americana, não podia fazer as pessoas felizes. Bhaktivedanta não analisava a infelicidade à sua volta, tomando como ponto de referência as causas sociais, políticas, econômicas e culturais imediatas. Nem as condições precárias do bairro, nem as revoltas da juventude eram realidades de grande importância. Tudo isto era um mero sintoma de uma infelicidade universal cuja única cura era a consciência de Krsna. Ele compadecia-se da miséria de todos, mas via a solução universal. Bhaktivedanta Swami não fizera um estudo do movimento jovem americano antes de se mudar para o Lower East Side. Nem ao menos fizera planos específicos de viver entre tantos jovens. Porém, nos últimos dez meses desde que deixara Calcutá, havia mudado de um lugar para outro por forças das circunstâncias, ou, segundo sua compreensão, “por vontade de Krsna”. Por ordem de seu mestre espiritual, viera para os Estados Unidos, e, pela vontade de Krsna, encontrava-se no Lower East Side. Sua missão aqui era a mesma que havia sido no Bowery, ou no subúrbio, ou mesmo na Índia. Estva fixo na ordem de seu mestre espiritual e adotava o ponto de vista védico, um ponto de vista que não se deixaria influenciar pelas mudanças radicais dos anos 60. Agora, se acontecesse de aqueles jovens, devido à alguma mudança no clima cultural americano, acabarem sendo mais receptivos a ele, então isso seria bem-vindo. E isso também seria a vontade Krishna (...) logo antes da chegada de Bhaktivedanta Swami ao Lower East Side, tremores de insatisfação e revolta contra a própria cultura de Kali-yuga começaram a vibrar na sociedade americana, trazendo ondas de jovens a vagar pelas ruas do Lower East Side de Nova Iorque em busca de algo além da vida corriqueira, procurando alternativas, tentando encontrar satisfação espiritual. Aqueles jovens, rompendo com seus antecedentes materialistas estereotipados e reunidos agora no Lower East Side de Nova Iorque, eram as pessoas que, por acaso ou por obra do destino, tornar-se-iam a congregação que participaria das oferendas de kirtana feitas por Bhaktivedanta

Swami, que lhes daria orientação espiritual. (GOWSAMI, 1995, p.6768)

Prabhupada foi pregar no ocidente pela ordem de seu mestre espiritual e seu objetivo era formar um movimento mundial, objetivava também reavivar a consciência de Krishna na própria Índia, que estava se ocidentalizando e se distanciando de sua cultura espiritual. Ele acreditava que se os ocidentais praticassem a consciência de Krishna, os indianos que estavam sendo influenciados pela cultura ocidental iriam novamente dar importância para sua cultura espiritual. Prabhupada também enfatizava a cooperação entre o avanço material do ocidente e a cultura espiritual da Índia:

No momento atual, a Índia pode ser comparada ao coxo e os países ocidentais, ao cego. Nos últimos dois mil anos, a Índia foi subjugada por governos estrangeiros, e as pernas do progresso foram quebradas. Nos países ocidentais, os olhos da população tornaram-se cegos, devidos ao ofuscante fulgor da opulência material. O cego dos países ocidentais e o coxo da Índia devem unir-se neste movimento da consciência de Krishna. Então, o aleijado da Índia poderá caminhar com a ajuda do ocidental, e o ocidental cego poderá ver com a ajuda do aleijado. Em suma, o avanço material dos países ocidentais e os bens espirituais da Índia devem combinar-se para a elevação de toda a sociedade humana. (PRABHUPADA, 1991, p. 6)

Quando Prabhupada chega aos estados Unidos alguns cultos provenientes da Índia já eram bem conhecidos no meio espiritualista contracultural, como a Ramakrishna Mission. A concepção de hinduísmo que circulava nos Estados Unidos era aquela disseminada por Vivekananda e seus seguidores, a filosofia impersonalista de Shankara. Prabhupada então tinha a preocupação de convencer os ocidentais da superioridade do personalismo vaishnava em relação a filosofia impersonalista.

A modernizada Chaitanya Bhakti de Prabhupada só iria fazer sentido se ele apresentasse uma nova imagem da cultura espiritual da Índia naquele contexto. O caminho então foi o Hari nama sankirtan, o canto congregacional, cantando Hare Krishna com instrumentos musicais indianos os jovens foram atraídos por Prabhupada, cujo movimento teve sucesso devido à convergência ao clima cultural dos Estados Unidos. (SILVEIRA, 2003).

É certo que a atuação de Prabhupada foi fundamental para o sucesso de seu movimento, pois ele soube com total maestria transplantar o vaishnavismo para o ocidente levando em consideração o contexto e as circunstâncias, sem precisar mudar sua filosofia,

adaptando-a a outro ambiente da melhor maneira possível. Segundo Silveira (2003), foi a ação efetiva de Srila Prabhupada que construiu uma visão de mundo alternativa para os jovens desiludidos com a modernidade ocidental e não os mitos e ritos vaishnavas por si só. Somente o canto congregacional de Hare Krishna estabelecido por Caitanya é que chegou pronto aos Estados Unidos.

Pode-se afirmar, sob termos weberianos, que as seitas indianas possuem uma autoridade que visa uma legitimidade tradicional, expressa numa linguagem de restauração de valores religiosos, que só faz sentido a partir da autoridade carismática de interpretação pessoal de cada líder religioso. O carisma então atualiza a tradição a partir e dentro dessas atualizações constantes, possibilitando ao culto inovações necessárias à sua integração cultural do ocidente. (SILVEIRA, 2003) Além de Prabhupada, seu mestre espiritual Bhaktisiddhanta Sarasvati também é um exemplo de líder carismático inovador, bem como Caitanya também o é.

Sobre o movimento de Prabhupada, Knott diz:

“Nessa capacidade Prabhupāda foi identificado por seus discípulos não apenas como um guru seguindo a mesma linhagem de Caitanya, mas como o “ācārya fundador” da ISKCON. Com relação a ambos, considera-se que ele tenha cumprido com sucesso a profecia missionária de Caitanya sobre o saṅkīrtana, glorificando a Krishna em toda vila e cidade, pelo seu próprio ministério de viagem, e inspirando os outros a fazerem o mesmo. A abertura de templos por todo o mundo, a publicação de livros em muitas línguas e as viagens de grupos de saṅkīrtana para distribuir livros e cantar em público foram todos considerados como instrumentais na realização dessa profecia” (KNOTT, 2001, p. 371).

As religiões vivas sempre mudam, elas consistem em tradições herdadas ali e fiéis aqui, em intelectualizações de teólogos contemporâneos, em respostas antigas e perguntas modernas. Dentre esses pólos ela busca o equilíbrio. O equilíbrio entre passado e presente, dado pela mudança, é importante e mantém as religiões vivas (GRESCHAT, 2005). Prabhupada quando percebe que os ocidentais eram muito materialistas e inquietos para cantarem as 64 voltas diárias de japa (meditação mantrica, cantar o mantra hare krishna nas contas) que tradicionalmente eram cantadas na Índia, adapta para 16 voltas diárias, que é o padrão da ISKCON.

Segundo Sherboow:

“Seus ensinamentos, contudo, mantiveram-se firmemente arraigado nos princípios e doutrinas de seus predecessores da tradição Vaiṣṇavismo gauḍīya, especialmente aqueles transmitidos pelo seu guru, Bhaktisiddhanta Sarasvati, e pelo pai de seu guru, Kedarnath Dutt Bhaktivinoda. Bhaktivedanta Swami traçou o curso que todos os mestres religiosos devem negociar: entre fidelidade à tradição e relevância de tempo e lugar” (SHERBOOW, 2004, p. 144).

Prabhupada foi muito hábil em transmitir a mensagem da consciência de Krishna no ocidente levando em consideração as circunstâncias, o tempo e o lugar, e fez alguns ajustes necessários, mas não realizou nenhuma mudança de ordem teológica e filosófica. Como ele mesmo disse: “Não posso mudar a filosofia para agradar os americanos” (GOSWAMI, 1995, p. 112).

George Harrison e os Beatles exerceram um papel fundamental em relação ao contato com novas religiosidades que o ambiente da contracultura favoreceu. Conforme já foi analisado, foi nesse momento que George conhece a cítara e Ravi Shankar e os Beatles viajam para Índia em busca de uma nova espiritualidade. George se interessa por meditação e se encontra com Maharish, depois conhece a consciência de Krishna e Prabhupada e passa a praticá-la.

Nesse sentido é de extrema importância esse interesse, tanto dos Beatles e depois especificamente de George, pela religiosidade indiana no que se refere à sua divulgação no ocidente. De certa forma, eram porta-vozes da contracultura na medida em que eram ouvidos em sua maioria pelo público jovem e compunham canções que respondiam aos anseios da juventude e refletiam a visão de mundo desses jovens que estavam buscando uma maneira alternativa de viver.

George fala de sua experiência com LSD no documentário *Living In The Material World*, dirigido por Martin Scorsese (SCORSESE, 2011) Como foi discutido, a experiência com drogas psicodélicas era uma das formas dessa juventude da contracultura de encontrar novas formas de percepção do mundo. George diz que depois dessa experiência com LSD um pensamento ficou em sua cabeça, como se alguém estivesse sussurrando para ele: “Os Yogis do Himalaia” (SCORSESE,2011). Joan Taylor, no mesmo documentário, afirma:

“Acho que as experiências de George de expandir sua mente com ácido levou-o em busca de algo que não precisasse de produtos químicos. Ele sabia que chegaria uma hora em que não poderia continuar fazendo isso,

não seria bom continuar a usar produtos químicos. Ele estava à procura de... ele estava sempre procurando a verdade e também estava procurando paz de espírito. Porque era muita loucura” (SCORSESE, 2011)

Ainda no documentário, George fala de sua experiência em Haight- Ashbury e de sua decisão em parar de tomar LSD:

“Quando fui para Haight-Ashbury, esperando que fosse um lugar genial, achava que encontraria um pessoal meio cigano, com pequenas lojas, criando arte, pinturas e esculturas. Mas em vez disso, vi que eram apenas um bando de vagabundos. E muitos deles eram muito jovens vindos de toda a América, caído no ácido e ido a esta Meca do LSD. Andávamos pela rua e me tratavam como o messias ou algo assim. Fiquei assustado, porque pude ver jovens cheios de espinhas ainda sob a influência da Beatlemania, mas com uma visão deformada. E as pessoas me entregavam coisas, como um grande cachimbo, um grande cachimbo indígena, com penas. E livros, incenso e todo tipo de coisas, e tentando me dar drogas e eu dizia: não, obrigado, eu não quero. Fomos andando cada vez mais rápido pelo parque e no fim dissemos: Vamos cair fora daqui. Voltamos para o aeroporto, pegamos o jato e assim que ele decolou, entrei na cabine, e o painel todo iluminado, dizendo ‘inseguro’, bem em frente. Isso certamente me mostrou o que estava realmente acontecendo no culto às drogas. Não era o que eu pensava, com pessoas legais, ficando... Despertando espiritualmente e sendo artísticos. Era como qualquer outro vício. Nesse momento, parei de tomar LSD. Foi quando parti para a meditação”. (SCORSESE, 2011)

George Harrison passa por uma transformação pessoal que o faz deixar de consumir LSD para então praticar a meditação transcendental, iniciando sua jornada espiritual. Depois da meditação ele conhece o movimento Hare Krishna e sua filosofia e a adota, conforme investigarei no próximo capítulo.

4. GEORGE HARRISON: UM DEVOTO DE KRISHNA

Como foi exposto o objetivo da pesquisa foi o de identificar e interpretar as canções selecionadas de George Harrison ligadas à consciência de Krishna, no período de 1966 a 1973. Antes da análise e interpretação das músicas considero como de extrema

importância uma análise mais aprofundada da relação de George com Bhaktivedanta Swami Prabhupada, pois seus ensinamentos levaram George a ser um devoto de Krishna e ele expressa isso em suas composições.

George além de escrever um texto no livro *Krishna, a Suprema Personalidade de Deus*, de Prabhupada, doa dezenove mil dólares para a sua publicação. Prabhupada no prefácio do livro escreve: “Fico muito agradecido a Sriman George Harrison, que agora canta Hare Krishna, por sua contribuição liberal de dezenove mil dólares para saldar o custo total da impressão deste volume. Que Krsna conceda a este bom rapaz mais avanço na consciência de Krishna” (PRABHUPADA, 1977, p.15). Em uma carta datada de 16 de fevereiro de 1970, Prabhupada escreve para George:

Meu caro George, por favor, aceite minhas bênçãos. Eu estou muito grato a você pela sua valiosa cooperação em espalhar meu movimento da consciência de Krishna por todo o mundo. Peço para reconhecer em anexo a recepção de sua contribuição de dezenove mil dólares para a publicação de meu livro, *Krshna*, que estará indo para a imprensa essa semana (...) Eu sei que tanto você quanto John são almas muito boas. Ambos estão se comprometendo a fazer algo para a paz do mundo. Pela graça de Krsna, você já percebeu, até certo ponto, sobre a necessidade e importância do movimento Hare Krishna no mundo.
(...)¹⁷

George também foi fiador do aluguel do prédio que os devotos transformaram no primeiro templo de Londres e comprou para a ISKCON em 1973 um pedaço de terra que ficou conhecido como Bhaktivedanta Manor, onde foi construído um templo. Depois do primeiro encontro na quinta de John Lennon, George e Prabhupada se encontraram muitas outras vezes, algumas conversas durante esses encontros foram gravadas em Bhaktivedanta Manor.¹⁸ George e Mukunda conversam sobre Bhaktivedanta Manor:

Mukunda: A mansão e a quinta Tudor que você nos doou nos arredores de Londres tornou-se um dos nossos maiores centros internacionais. Como você se sente quanto ao sucesso do Bhaktivedanta Manor na propagação da consciência de Krsna? George: Ah! É incrível. E também se relaciona com a produção do disco Hare Krsna ou qualquer um de meus envolvimento. Na verdade, isso me dá muito prazer, a ideia de que tive a fortuna de poder ajudar em algum momento. Todas essas canções com temas espirituais são como pequenas tomadas – “My Sweet Lord” e as outras. E agora sei que as pessoas são muito mais

¹⁷ Disponível em <http://krishna.org/srila-prabhupada-writes-to-george-harrison/>

¹⁸ Conversas entre George Harrison e Prabhupada disponíveis em http://www.vedic.com.br/georgeharrison/july_26_1976.htm

respeitosas e receptivas quando veem os devotos nas ruas e tudo o mais. Já não é mais um bicho de sete cabeças. Também tenho dado muitos livros de Prabhupada a muitas pessoas, e quer eu as veja de novo, quer não, é bom saber que elas os receberam, e se elas os lerem, suas vidas poderão mudar. (PRABHUPADA, 1983, p. 14-15)

O mais importante aqui é compreender a relação de George com Prabhupada. George o aceitou como seu mestre espiritual, apesar de não ter recebido iniciação, absorvendo e seguindo seus ensinamentos, e Prabhupada também o aceitou como discípulo, instruindo-o.

Na entrevista a Mukunda citada anteriormente George se expressou mais sobre Prabhupada:

Creio que as realizações de Prabhupada são muito significativas: são tremendas. Mesmo comparado a alguém como William Shakespeare, a quantidade de literatura que Prabhupada produziu é realmente espantosa. Assombra a mente. Ele às vezes passava dias com apenas poucas horas de sono. Creio que nem uma pessoa jovem e atlética poderia manter o ritmo que ele mantinha aos setenta e nove anos de idade. Srila Prabhupada já provocou um efeito espantoso no mundo. Não há maneira de medi-lo. Um dia simplesmente constatei: “Deus, este homem é espantoso!” ele costumava traduzir a noite toda do sânscrito para o inglês, fazendo glossários para certificar-se de que todos entenderiam, e ainda assim nunca se mostrava como alguém superior a você. Ele sempre mantinha aquela simplicidade infantil, e o mais espantoso é o fato de que ele fez toda esta tradução num tempo relativamente curto- apenas alguns anos. E, sem ter nada mais do que sua própria consciência de Krishna, ele atraiu todos esses milhares de devotos e transformou o movimento em algo tão forte que continuou mesmo após sua partida. E ainda continua crescendo incrivelmente. O movimento Hare Krsna continuará sempre e cada vez mais devido ao conhecimento que Prabhupada deu. Quanto mais as pessoas despertarem espiritualmente, mais compreenderão a profundidade do que Prabhupada dizia - de tudo quanto ele deu. (PRABHUPADA, 1983, p.22)

George continua comentando sobre a produção literária de Prabhupada, que via a impressão de livros como parte essencial de seu movimento:

Mukunda: você sabia que as coleções completas dos livros de Prabhupada estão em todas as maiores faculdades e universidades do mundo, incluindo Harvard, Yale, Princeton, Oxford, Cambridge e Sorbonne? George: Tinham que estar! Uma das coisas mais importantes que percebi em Prabhupada era a maneira como ele falava em inglês e de repente falava em sânscrito e depois traduzia novamente para o inglês. Ficava claro que ele realmente conhecia o assunto muito bem. Sua contribuição obviamente foi enorme do ponto de vista literário,

porque ele enfocou mais a Pessoa Suprema, Krsna. Muitos eruditos e escritores conhecem o Gita, mas somente no nível intelectual. Mesmo quando eles escrevem “Krsna disse...” eles não o fazem com a bhakti, ou amor, necessária. Este é o segredo, entende? Krsna realmente é uma pessoa que é o Senhor e que também aparecerá naquele livro quando houver amor, bhakti. Você não pode entender nada sobre Deus sem que O ame. Esses ditos grandes acadêmicos védicos – não é que necessariamente eles amem a Krsna, de modo que não podem entendê-LO e dá-LO a nós. Mas Prabhupada era diferente (...) Bem, sem dúvida Prabhupada afetou o mundo de maneira absoluta. O que ele nos dava era a literatura mais elevada, o conhecimento mais elevado. Creio que não existe nada superior.

(PRABHUPADA, 1983,p.23)

Para selecionar as composições que foram interpretadas e analisadas a seguir, realizei um levantamento das músicas de todos os álbuns da carreira solo de George que apresentam uma relação direta com a filosofia da consciência de Krishna, de 1970 até o fim de sua vida em 2001. No álbum *All things Must Pass*, de 1970, identifiquei elementos da consciência de Krishna nas seguintes canções: *My Sweet Lord*, *Beware of Darkness*, *Ballad of Sir Frankie Crisp (Let It Roll)*, *Awainting On You All*, *All Things must Pass*, *Art of Dying e Hear Me Lord*. Em *Living in The Material World* (1973): *Give Me Love (Give Me Peace On Earth)*, *The Light That Has Lighted The World*, *Living In The Material World*, *The Lord Loves The One (That Loves The Lord)*, *Be Here Now*, *The Day The World Gets 'Round*. Em *Dark Horse* (1974): *Maya Love*, *Simply Shady* e *It Is "He" (Jai Sri Krishna)*. Em *Extra Texture* (1975): *World of Stone*.

Em *Thirty Three & 1/3: Crackerbox Palace*. Em George Harrison (1979): *Love Comes To Everyone*. Em *Somewhere In England* (1981): *Life Itself, That Which I Have Lost e Save the World*. *Gonne Troppo* (1982): *Mystical One e Circles*. Em *Cloud Nine* (1987): *Fish on the Sand, This is Love*. *Traveling Wilburys Vol. 1* (1988): *Heading for the light*. *Brainwashed* (2002): *Looking for my Life, Rising Sun, Stuck inside the cloud e Brainwashed*.

Este levantamento inicial me conduziu a selecionar algumas letras de música que considero mais significativas para a realização da análise.

Segundo Moraes, “[...] a canção é uma expressão artística que contém um forte poder de comunicação, principalmente quando se difunde pelo universo urbano, alcançando ampla dimensão da realidade social” (2000, p.204). Essa ideia se encaixa na pesquisa no sentido de que as letras de músicas de George proporcionaram a muitas pessoas o contato com o movimento Hare Krishna.

Moraes atenta que:

A música popular não deve ser compreendida apenas como texto, fato muito comum em alguns trabalhos historiográficos que se arriscam por essa área. As análises devem ultrapassar os limites restritos exclusivamente à poética inscrita na canção, no caso específico a poesia popular, pois, ainda que de maneira válida, estaria se realizando uma interpretação de texto, mas não da canção propriamente dita. Todavia, é preciso considerar também que muitas vezes as formulações poéticas concedem mais indicações e caminhos que as estritamente musicais, que podem redundar em torno das mesmas estruturas, formulações melódicas, ritmos e gêneros conhecidos. (MORAES, 2000. p. 215)

Ao analisar e interpretar as letras de músicas selecionadas considero estas como documento histórico passível de interpretação, indagação e reflexão. Na análise que me proponho a realizar, acredito ser suficiente a interpretação das letras somente, não sendo necessária a investigação da melodia e harmonia musical.

Mukunda, no documentário de Martin Scorcese comenta:

Acho que tudo o que George fez, inclusive as músicas que não tem palavras espirituais explícitas, eram espirituais e que isso sempre esteve em sua mente. Mesmo a canção *Something*, que é considerada uma das maiores canções de amor já feitas, acho que Frank Sinatra disse isso, ela pode ser vista como uma canção de amor a Deus. Alguém pergunta a Mukunda: O que faz com que a música seja espiritual, além das palavras? Acho que o que faz com que a música seja espiritual é a pessoa que está cantando ou seja George. Que queria ser espiritual, tinha uma dimensão espiritual, era conhecido por estar envolvido na espiritualidade. (SCORSESE, 2011)

Conforme foi exposto anteriormente, entre essas canções relacionadas ao movimento Hare Krishna, selecionei algumas de acordo com critérios pré-estabelecidos. Esse recorte seletivo se baseia nas categorias de análise que são: o maha-mantra Hare Krishna, a devoção à Krishna, maya (ilusão material) e liberação (volta ao mundo espiritual).

Entre as composições selecionadas estão *My Sweet Lord* e *Awaiting On You All* do álbum *All Things Must Pass*, de 1970; e *Living In the Material World*, a canção título do álbum de 1973.

A primeira letra de música a ser interpretada é *My Sweet Lord*, todas as canções selecionadas são composições do próprio George Harrison.

Na sequência a letra da música e sua tradução:

My Sweet Lord

My Sweet Lord My

Lord

I really want to know you
 Really want to go with you
 Really want to show you Lord
 But it won't take long, my Lord (hallelujah)

My sweet Lord (hallelujah)
 Hm, my Lord (hallelujah)
 My sweet Lord (hallelujah)

Really want to see you
 Really want to see you
 Really want to see you Lord
 Really want to see you Lord
 But it takes so long, my Lord (hallelujah)

My sweet Lord (hallelujah)
 Hm, my Lord (hallelujah)
 My, my, my Lord (hallelujah)

I really want to know you (hallelujah)
 Really want to go with you (hallelujah)
 Really want to show you Lord(AhhhAhhhh)
 But it won't take long, my Lord (hallelujah)
 Hm, hm (hallelujah)

My sweet Lord (hallelujah)
 My, my, my Lord (hallelujah)

Hm, my Lord (hare krishna)
 My, my, my Lord (hare krishna)
 Hm, my sweet Lord (krishna krishna)
 Hm, hm (hare hare)
 Really want to see you (hare Rama)
 Really want to be with you (hare Rama)
 Really want to see you, Lord (AhhhAhhhh)
 But it takes so long, my Lord (hallelujah)
 Hm, my Lord (hallelujah)
 My, my, my Lord (hare krishna)
 My sweet Lord (hare krishna)
 My sweet Lord (krishna krishna)
 My Lord (hare hare)
 (Gurur Brahma)
 (Gurur Vishnu)
 (Gurur Devo)

(Maheshwara)
 My sweet Lord (Gurur Sakshaat)
 My sweet Lord (Parabrahman)
 My, my, my, my Lord (Tasmayi Sri)
 My, my, my, my Lord (Guruve Namah)
 My sweet Lord (Hare Rama)
 (Hare krishna)
 My sweet Lord (hare krishna)
 My sweet Lord (krishna krishna)
 My Lord (hare hare)

Meu Doce Senhor

Meu doce
 Senhor meu
 Senhor meu
 Senhor

Eu realmente quero vê-lo
 Realmente quero estar com Você
 Realmente quero vê-lo, Senhor
 Mas isto vai levar muito tempo, meu Senhor

Meu doce
 Senhor meu
 Senhor meu
 Senhor

Eu realmente quero conhecê-lo
 Realmente quero ir com o Senhor
 Realmente quero mostrar-lhe, Senhor
 Mas isto não vai levar muito tempo, meu Senhor (aleluia)

Meu doce Senhor (aleluia)
 Hm, meu Senhor (aleluia)
 Meu doce Senhor (aleluia)

Realmente quero vê-lo
 Realmente quero vê-lo
 Realmente quero vê-lo, Senhor
 Realmente quero vê-lo, Senhor
 Mas isto vai demorar muito, meu Senhor (aleluia)

Meu doce Senhor (aleluia)
 Hm, meu Senhor (aleluia)
 Meu, meu, meu Senhor (aleluia)

Eu realmente quero conhecê-lo (aleluia)
 Realmente quero ir com o Senhor (aleluia)
 Realmente quero mostrar-lhe, Senhor

Mas isto não vai demorar muito, meu Senhor (aleluia)
(aleluia)

Meu doce Senhor (aleluia)
Meu, meu, meu Senhor (aleluia)

Hm, meu Senhor (Hare Krishna) Meu,
meu, meu Senhor (Hare Krishna) meu
doce Senhor (Krishna, Krishna)
(Hare Hare)
Realmente quero vê-lo (Hare Rama)
Realmente quero estar com o Senhor (Hare Rama)
Realmente quero ver o Senhor
Mas isto vai levar muito tempo, meu Senhor (aleluia) meu
Senhor (aleluia)
Meu, meu, meu Senhor (Hare Krishna)
Meu doce Senhor (Hare Krishna)
Meu doce Senhor (Krishna Krishna)
Meu Senhor (Hare Hare)
(Gurur Brahma)
(Gurur Vishnu)
(Gurur Devo)
(Maheshwara)
Meu doce Senhor (Gurur Sakshaat)
Meu doce Senhor (Parabrahman)
Meu, meu, meu, meu Senhor (Tasmayi Shree)
Meu, meu, meu, meu Senhor (Guruve Namah)
Meu doce Senhor (Hare Rama)

(Hare Krishna)
Meu doce Senhor (Hare Krishna)
Meu doce Senhor (Hare Krishna)
Meu Senhor (Hare Hare)¹⁹

Nessa composição identifico a concepção pessoal de Deus e a devoção de George por Krishna. Para o movimento Hare Krishna Deus é uma pessoa transcendental, possui uma forma, um corpo espiritual, portanto, Krishna é a Suprema Personalidade Deus e provou isso através de suas atividades quando esteve presente na Terra há cerca de cinco mil anos.

Ele exibiu seus passatempos transcendentais aqui na Terra que são descritos no Srimad Bhagavatam ou Bhagavata Purana, a escritura mais importante no Vaishnavismo. A obra Krishna, a suprema Personalidade de Deus de Prabhupada na qual George escreve um texto é baseada nessa escritura. Prabhupada (1980) escreve que Krishna tem as

¹⁹ As traduções das letras interpretadas foram feitas por mim.

seguintes opulências em plenitude: força, fama, riqueza, conhecimento, beleza e renúncia. Enfatiza também que Krishna se revela no Bhagavad- Gita .

Prabhupada cita em um de seus comentários dos versos do Bhagavad-Gita um texto védico, o Svetasvatara Upanisad 6.7-8:

(...) Não há ninguém maior que Ele, e Ele é a causa suprema de todas as causas. Ele não possui forma corpórea como a de uma entidade viva comum. Não há diferença entre seu corpo e sua alma. Ele é absoluto. Todos os seus sentidos são transcendentais. Qualquer um de seus sentidos pode executar a ação de qualquer outro sentido. Portanto, ninguém é maior do que Ele ou igual a Ele (...). (PRABHUPADA, 2009, p.178)

Nessa música George expressa amor e devoção à Krishna: “Meu Doce Senhor, eu realmente quero vê-Lo, realmente quero estar com Você, realmente quero ir com você, realmente quero conhecê-Lo.” No Bhagavad- Gita Krishna explica que:

É unicamente através do serviço devocional que alguém pode compreender-Me como sou, como a Suprema Personalidade de Deus. E quando, mediante tal devoção, ele se absorve em plena consciência de Mim, ele pode entrar no reino de Deus. (Bhagavad-Gita 18.55).

Aqui encontramos o preceito fundamental do movimento Hare Krishna, a Bhakti-yoga, a união com Deus através do serviço devocional transcendental amoroso, o amor a Deus. A relação com Deus é de amor e devoção e é pessoal; e George expressa isso nos versos da música citados. Encontramos também a ideia de retorno ao mundo espiritual quando George fala “Mas isto vai demorar Senhor” e “Mas isto não vai levar muito tempo”.

Na entrevista que George concede a Mukunda (citada anteriormente), o músico fala da relação pessoal com Deus que é expressa nessa canção:

Mukunda: No Srimad Bhagavatam, a jóia de toda a literatura védica, descreve-se como as almas puras que vivem no mundo espiritual, na companhia de Deus, tem diferentes espécies de rasas, ou relações, com Ele. Você gosta de alguma maneira especial de pensar em Krishna?
George: gosto da ideia de ver Krsna como bebê, do modo como Ele é frequentemente retratado na Índia. E também de Govinda, o vaqueirinho. Gosto da ideia de que você pode ter Krsna como bebê e protegê-LO, ou como seu amigo, ou como o guru e a figura do mestre. (PRABHUPADA, 1983, p. 25)

Em outro momento da entrevista George também comenta sobre o aspecto pessoal de Deus:

Mukunda: (...) Muita gente ao começar sua vida espiritual adora Deus como algo impessoal. Qual a diferença entre adorar Krsna, ou Deus, sob Sua forma pessoal, e adorar Sua natureza impessoal como energia ou luz? George: é como a diferença entre lidar com um computador e lidar com uma pessoa. Como eu disse antes, “Se Deus existe, quero vê-lo”, não apenas ver sua energia ou Sua luz, mas a Ele mesmo. (PRABHUPADA, 1983, p. 24)

Ainda nessa entrevista, Mukunda e George comentam especificamente sobre a composição em questão, *My Sweet Lord*:

Mukunda: Não creio que seja possível calcular quantas pessoas voltaram-se para a consciência de Krsna através de sua canção “My Sweet Lord”. Você passou por uma experiência muito pessoal antes de decidir fazer aquela canção. Em seu livro você disse: “Pensei muito sobre fazer ou não ‘My Sweet Lord’, porque estaria me revelando publicamente... Muitas pessoas temem as palavras *Senhor e Deus*... eu estava colocando meu pescoço debaixo da guilhotina... mas, ao mesmo tempo, pensei: ‘Ninguém está dizendo isso... porque devo ser falso comigo mesmo?’ cheguei a acreditar na importância de que, se você sente algo muito forte, deve dizê-lo. Eu queria mostrar que *Aleluia* e *Hare Krsna* são a mesma coisa. Fiz as vozes cantando *Aleluia* e depois mudei para *Hare Krsna* para que as pessoas cantassem o *maha-mantra* – antes que soubessem o que estava acontecendo! Fazia muito tempo que eu vinha cantando *Hare Krsna* e esta canção era uma simples ideia de como fazer uma canção pop ocidental equivalente a um *mantra*, que repete sempre e sempre os santos nomes. Não me sinto culpado ou mal em relação a isto; de fato, isso salvou muitos de uma vida viciada em heroína” Por que você sentiu que devia por *Hare Krsna* no álbum? Só *Aleluia* não teria sido o bastante? **George:** Bem, em primeiro lugar, “*Aleluia*” é uma expressão de júbilo dos cristãos, mas “*Hare Krsna*” tem seu lado místico. É mais do que apenas glorificar a Deus: é pedir para tornar-se Seu servo. E por causa da disposição do *mantra*, com a mística energia espiritual contida naquelas sílabas, está muito mais perto de Deus do que o modo como o cristianismo o representa comumente. (PRABHUPADA, 1983, p. 26)

George continua comentando sobre o cristianismo e a reação dos cristãos à canção:

Embora Cristo, a meu ver, seja um yogi absoluto, acho que muitos mestres cristãos de hoje em dia estão interpretando mal a Cristo. Supostamente eles representam Jesus, mas não o estão fazendo muito bem. Eles estão se desviando muito dele, o que é muito mau. Minha ideia em *My Sweet Lord*, por parecer uma canção “pop”, era persuadir os do seguinte: eu queria fazer com que eles não se sentissem ofendidos, ouvindo o *Aleluia* primeiro, para, quando ouvissem *Hare Krsna*, já estarem fígados, batendo os pés, de modo que se deixassem levar por um sentido de falsa segurança. E, de repente, quando mudo o

coro para Hare Krsna, eles o estarão cantando também, antes que saibam o que aconteceu, e pensarão: “Ei, eu achava que não devia gostar de Hare Krsna!” As pessoas escrevem-me até hoje perguntando-me que estilo era aquele. Dez anos mais tarde elas ainda estão tentando entender o que significam aquelas palavras. Realmente, foi apenas um pequeno truque, e não ofendeu. Por alguma razão, nunca obtive nenhuma reação ofensiva dos cristãos, que apenas disseram: “Gostamos até certo ponto, mas o que Hare Krsna tem a ver com tudo isto?” Aleluia pode ter sido originalmente alguma coisa mântica que caiu de moda, mas não tenho certeza do que significa realmente. A palavra grega para Cristo é *Kristós*, que no fundo é o mesmo que Krsna. (PRABHUPADA, 1983, p.26)

Como podemos observar, e conforme a explicação de George, o maha-mantra Hare Krishna/ Hare Krishna/ Krishna Krishna/ Hare Hare/ Hare Rama/ Hare Rama/ Rama Rama/ Hare Hare está presente nessa canção. Dentro do movimento Hare Krishna esse mantra é a principal forma de conexão com Deus. De acordo com Prabhupada:

Às vezes Krsna desce pessoalmente, e outras vezes Ele desce como vibração sonora, e outras vezes ainda, como devoto. Há muitas categorias de diferentes de *avatars* (encarnações). Na era atual, Krsna desce em Seu santo nome, Hare Krsna, Hare Krsna, Krsna Krsna, Hare Hare/ Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare. O Senhor Caitanya Mahaprabhu também confirmou que, nesta era de Kali, Krsna desce sob a forma de vibração sonora. O som é uma das formas que o Senhor assume. Por isso se afirma que não há diferença entre Krsna e Seu nome. (PRABHUPADA, 1980, p. 64)

De acordo com Prabhupada (1983), a vibração transcendental produzida ao cantarmos o maha-mantra é o método sublime para revivermos nossa consciência pura, original, nossa consciência de Krsna, que não é algo imposto artificialmente à mente, é a energia original da entidade viva. Pela experiência prática, pode-se perceber que ao cantar o maha-mantra, ou o Grande Canto para a Libertação, pode-se sentir imediatamente êxtase transcendental proveniente do estrato espiritual, e quando uma pessoa está realmente no plano da compreensão espiritual- superando os estágios dos sentidos, da mente e da inteligência- ela se situa no plano transcendental.

Este mantra vem da plataforma espiritual e supera os níveis inferiores de consciência- o nível sensorial, mental e intelectual. Não é necessário entender o idioma do mantra, especular mentalmente ou realizar ajustes intelectuais para cantá-lo, ele flui automaticamente da plataforma espiritual e qualquer pessoa pode participar do canto sem nenhuma qualificação anterior e dançar em êxtase. A palavra *Hara* é a forma de se dirigir à energia do Senhor, e as palavras *Krsna* e *Rama* são formas de se dirigir ao próprio

Senhor. Tanto *Krsna* quanto *Rama* significam o “prazer supremo”, e *Hara* é a suprema energia de prazer do Senhor, que muda para *Hare* no vocativo. A suprema energia de prazer do Senhor ajuda-nos a alcançar o Senhor.

No final da música, além do maha-mantra, o coro canta *Gurur Brahma Gurur Vishnu Gurur Devo Maheshwara Guru Sakshaath Parabrahman Tasmai Shri Gurave Namaha*, presente no *Guru Stotram*, que reverencia o guru, o mestre espiritual, de autoria de Adi Shankaracarya, que viveu na Índia há cerca de 2.500 anos atrás. Sua aparição é prevista na escritura védica *Padma-Purana*, onde se encontra a afirmação de que é uma encarnação do semideus Shiva, que é tido pelos Vaishnavas como um grande devoto de Krishna, e que aparece para um propósito específico, estabelecer a autoridade das escrituras védicas que foi perdida com a filosofia budista.

O Senhor Caitanya admitiu que Shankaracarya era uma encarnação do Senhor Siva, e sabe-se que o Senhor Siva é um dos maiores devotos (um mahajana) da escola Bhagavata. Há doze eminentes autoridades sobre o serviço devocional, e o Senhor Siva é uma delas. Por que então, então, ele adotou o processo da filosofia mayavadi? A resposta encontra-se no *Padma Purana*, onde o Senhor Siva declara: [...] “A filosofia mayavadi é budismo disfarçado” Em outras palavras, a filosofia niilista de Buddha é mais ou menos a filosofia mayavadi do impersonalismo, embora a filosofia mayavadi alegue ser dirigida pelas conclusões védicas. O Senhor Siva, porém, admite que ele criou essa filosofia na era de Kali para desorientar os ateístas. “De fato, a Suprema Personalidade de Deus tem um corpo transcendental”, afirma o Senhor Siva. “Porém, eu descrevo o supremo como impessoal. Também explico o Vedanta-sutra segundo os mesmos princípios da filosofia mayavadi.” [...] Com efeito, Shankaracarya pregou a filosofia mayavadi para confundir certa classe de ateístas. Na verdade, ele jamais considerou que o Senhor Supremo, a Personalidade de Deus, é impessoal ou não tem corpo nem forma. (PRABHUPADA, 1990, P.183, 184 e 185)

Shankaracarya elaborou uma filosofia impersonalista que atraiu seguidores. Os acharyas vaishnavas como Bhaktisiddhanta Sarasvati e Prabhupada argumentam contra essa filosofia através de um conceito de Deus personalista. Segundo Prabhupada (1980), Shankara reconhecia Krishna como a suprema Personalidade de Deus. Em seu livro *A ciência da auto-realização*, Prabhupada explica os comentários de Shankara em relação ao Bhagavad-Gita no capítulo III intitulado *Examinando as bases culturais: O maior impersonalista da Índia meditava no Senhor Krsna e no Bhagavad-Gita* e demonstra a devoção de Shankara pela forma pessoal de Deus, Krishna. No final de sua vida Shankara compôs doze versos explicitamente devocionais, o primeiro começa com a frase Bhaja

Govindam (adore Govinda, Krishna). Esses versos foram comentados no livro *Bhaja Govindam- as instruções finais do grande mestre Shankara*, do mestre espiritual brasileiro Chandramukha Swami.

Shankara teceu comentários sobre várias obras védicas e é a partir desses comentários que surge a filosofia impersonalista ou mayavadi e seus seguidores, que não levam em consideração os comentários vaishnavas. Uma obra importante é o Vedanta-sutra. Segundo Prabhupada (1990), a palavra vedanta significa “o conhecimento védico último”, ou seja, qualquer livro que discorra sobre o assunto indicado por todos os vedas é vedanta, o Bhagavad-Gita é vedanta porque nele o Senhor diz que a meta última de toda pesquisa védica é Krishna, desse modo o Bhagavad-Gita e o Srimad-Bhagavatam devem ser aceitos como vedanta, pois tem como propósito apenas Krishna.

Shankara escreveu um comentário do vedanta-sutra, o Sariraka-bhasya. Vários acharyas vaishnavas, inclusive Prabhupada, realizaram comentários sobre o Vedantasutra a partir da perspectiva devocional de acordo com o Srimad-Bhagavatam, que é, segundo o vaishnavismo, o comentário natural do vedanta-sutra e é considerado pelos vaishnavas como a mais importante obra védica, que visa conhecer e amar Krishna. Deduzo que George Harrison teve conhecimento desses ensinamentos de Prabhupada em relação à Shankara, pessoalmente ou através de seus livros, pois fica claro na entrevista já citada e em suas músicas que considera a concepção pessoal de Deus superior à concepção impessoal, sobre a qual já havia tido contato com o guru Maharish, que seguia a linha impersonalista de Shankara.

O verso se inicia com *Gurur Brahma*, que significa o guru é Brahma. Brahma é um semideus. Os semideuses são partes do Senhor assim como as entidades vivas também são (PRABHUPADA, 2009). Os semideuses vivem em planetas mais elevados dentro do mundo material, onde o tempo de vida é maior, por exemplo; mas até no planeta mais elevado do mundo material, que é o planeta de Brahma, há nascimento, doença, velhice e morte; portanto, a pessoa inteligente não procura ir a nenhum desses planetas e sim ao mundo espiritual perfeito, ao planeta de Krishna. Brahma foi o primeiro ser vivo na criação material e o conhecimento védico foi transmitido ao seu coração (Prabhupada, 1986). Por isso a sucessão discipular, a sampradaya BrahmaMadhva-Gaudyia-Vaishnava. Há uma escritura védica chamada *Sri Brahma-Samhita*, compilado por Brahma e que foi

recuperada por Caitanya Mahaprabhu. Prabhupada a traduziu para o inglês, no quinto capítulo dessa escritura Brahma glorifica Krishna.

Segundo Prabhupada (2009), Brahma conclui no Brahma-Samhita que o senhor Krsna é a Suprema Personalidade de Deus e cita um verso dessa escritura em um comentário do Bhagavad-Gita: “Há muitas personalidades que possuem as qualidades de Bhagavan, mas Krsna é supremo porque ninguém pode superá-IO. Ele é a Pessoa Suprema, e Seu corpo é eterno, cheio de conhecimento e bem-aventurança. Ele é o Senhor Govinda primordial e a causa de todas as causas.” (Brahma-samhita 5.1) Brahma glorifica Krishna como a Suprema Personalidade de Deus em todo o quinto capítulo do Brahma-samhita. Segundo Prabhupada (1990), Brahma é uma das entidades vivas, no entanto, em virtude de seu serviço devocional, ele é muito poderoso. Essa entidade viva primordial, senhor do modo da paixão material, recebe de Garbhodakasayi Vishnu (Krishna) direto poder para criar inúmeras entidades vivas. Brahma é o semideus responsável pela criação material, mas age de acordo com a vontade de Krishna:

[...] o Senhor Sri Krsna é a origem de todas as criações, sendo não somente o criador do universo, como também o destruidor. A natureza cósmica manifestada é criada em um certo período pela vontade do Senhor, mantida algum tempo e então, por vontade d’Ele, é aniquilada. Portanto, atrás de todas as atividades cósmicas está a vontade suprema. [...] O engenheiro-chefe de uma construção complicada não participa pessoalmente na construção, mas conhece todos os quatro cantos porque tudo é feito sob sua direção. Ele sabe tudo sobre a construção, tanto direta com o indiretamente. Da mesma forma, a Personalidade de Deus, o engenheiro supremo dessa criação cósmica, conhece todos os quatro cantos, embora os semideuses levem a cabo os negócios. Desde Brahma até a formiga insignificante, ninguém é independente na criação material. A mão do Senhor se vê por toda a parte. Todos os elementos materiais bem como todas as centelhas espirituais emanam unicamente d’Ele. E tudo o que é criado neste mundo material não é senão a interação de duas energias, a material e a espiritual, que emanam da Verdade Absoluta, a Personalidade de Deus, Sri Krsna. (PRABHUPADA, 1995, p. 58 e 60)

Depois é cantado *Gurur Vishnu*, o guru é Vishnu. Vishnu é o próprio Krishna, segundo Purushatraya Swami, Vishnu é o aspecto imanente de Deus, presente na criação material.²⁰ De acordo com Prabhupada:

A encarnação de Visnu, embora seja o senhor no modo da bondade dentro de cada universo, não está de modo algum em contato com a

²⁰ Disponível em <http://www.pswami.com.br/vaishnava/raizes.html> Acesso em 18/12/2012

influência da natureza material. Embora Visnu seja igual a Krsna, Krsna é a fonte original. Visnu é uma parte, mas Krsna é o todo. Essa versão é dada pelos textos védicos. No *Brahna-samhita*, dá-se o exemplo de uma vela original que acende uma segunda vela. Embora as duas velas tenham o mesmo poder, aceita-se que uma é a original, e que a outra foi aceita pela original. A expansão Visnu é como a segunda vela. Ela é tão poderosa quanto Krsna, mas o Visnu original é Krsna. Brahma e o Senhor Siva são servos obedientes do Senhor Supremo, e o Senhor Supremo, sob a forma de Visnu, é uma expansão de Krsna. (PRABHUPADA, 1990, p. 77)

O verso continua com *Gurur Devo Maheshwara*, que se refere ao semideus Shiva e *Gurur Sakshaath Parabrahman Tasmai Shri Gurave Namaha*, traduzido como o guru é personificado pelo espírito supremo, a esse guru minhas respeitadas reverências. Ao colocar esses versos do *Guru Stotram* na canção George enfatiza a importância do mestre espiritual, da relação guru-discipulo e da sucessão discipular presente no movimento Hare Krishna, conforme já foi exposto anteriormente. Vale a pena ressaltar que essa sucessão discipular se inicia com Krishna e que no *BhagavadGita* Arjuna aceita Krishna como seu mestre espiritual, portanto, para os Vaishnavas, Krishna é o mestre espiritual supremo.

A próxima composição a ser interpretada é *Awaiting On You All*, também do disco *All Things Must Pass*, de 1970. A principal mensagem da canção é em relação ao cantar do maha-mantra Hare Krishna, expressa no refrão da música.

Awaiting On You All

You don't need no love in
 You don't need no bed pan
 You don't need a horoscope or a microscope
 The see the mess that you're in
 If you open up your heart
 You will know what I mean
 We've been polluted so long
 Now here's a way for you to get clean

By chanting the names of the lord and you'll be free
 The lord is awaiting on you all to awaken and see
 Chanting the names of the lord and you'll be free
 The lord is awaiting on you all to awaken and see

You don't need no passport
 And you don't need no visas
 You don't need to designate or to emigrate
 Before you can see Jesus

If you open up your heart
 You'll see he's right there
 Always was and will be
 He'll relieve you of your cares

By chanting the names of the lord and you'll be free
 The lord is awaiting on you all to awaken and see
 Chanting the names of the lord and you'll be free
 The lord is awaiting on you all to awaken and see

You don't need no church house
 And you don't need no Temple
 You don't need no rosary beads or them books to read
 To see that you have fallen
 If you open up your heart
 You will know what I mean
 We've been kept down so long
 Someone's thinking that we're all green

And while the Pope owns 51% of General Motors
 And the stock exchange is the only thing he's qualified to quote us
 The lord is awaiting on you all to awaken and see
 By chanting the names of the lord and you'll be free

Esperando Todos Vocês

Você não precisa de nenhum fervor
 Você não precisa de nenhum pinico
 Você não precisa de um horóscopo ou um microscópio
 Para ver a bagunça em que você está
 Se você abrir seu coração
 Você saberá o que quero dizer
 Nós estivemos poluídos por tanto tempo
 Agora aqui está a maneira para você ficar limpo

Cante os nomes do senhor e você será livre
 O senhor está esperando todos vocês acordarem e verem
 Cante os nomes do senhor e você será livre
 O senhor está esperando todos vocês acordarem e verem

Você não precisa de passaporte
 E você não precisa de vistos
 Você não precisa designar ou a emigrar
 Antes que você possa ver Jesus
 Se você abrir seu coração
 Você vai ver que ele está ali
 Sempre foi e sempre será
 Ele vai aliviá-lo de suas preocupações

Cante os nomes do senhor e você será livre
 O senhor está esperando todos vocês acordarem e verem
 Cante os nomes do senhor e você será livre
 O senhor está esperando todos vocês acordarem e verem

Você não precisa de nenhuma igreja
 E você não precisa de templo
 Você não precisa de nenhum rosário ou livros para ler
 Para ver que você caiu
 Se você abrir seu coração
 Você saberá o que quero dizer
 Nós temos sido mantidos baixo por tanto tempo
 Alguém está pensando que somos todos verdes

E enquanto o Papa detém 51% da General Motors
 E a bolsa de valores é a única coisa que ele está qualificado para citar-nos
 O senhor está esperando todos vocês acordarem e verem
 Cante os nomes do senhor e você será livre

Nessa composição a influência da consciência de Krishna é muito evidente, pois no refrão George se refere ao cantar dos santos nomes de Krishna, o maha-mantra Hare Krishna.

George comenta sobre essa música na entrevista a Mukunda:

Mukunda: Na letra daquela canção “Awaiting on you all”, do álbum *All Things Must Pass*, você se manifesta e diz às pessoas que elas podem libertar-se de viver no mundo material cantando os nomes de Deus. O que o levou a fazer aquilo? Que tipo de reação você obteve?
George: Naquela época ninguém se dedicava àquele tipo de música no mundo pop. Eu sentia que era algo muito necessário, então, ao invés de sentar-me e esperar que alguém o fizesse decidi fazê-lo eu mesmo. Muitas vezes pensamos: “Bem, concordo com você, mas não estou afim de me envolver com isso. É muito arriscado.” Todos sempre tentam manter-se cobertos, comerciais, mas eu pensei, vá e faça! Ninguém mais está fazendo, e eu estou doente de ver tantos jovens de bobeira, desperdiçando suas vidas, entende? Eu também senti que havia muita gente por aí que se tocaria. Ainda hoje recebo cartas de pessoas dizendo: “Faz três anos que vivo no templo de Krsna e jamais teria conhecido Krsna se você não tivesse gravado o álbum ‘*All Things Must Pass*’.” Assim, sei que, pela graça do Senhor, represento uma pequena parte no teatro cósmico. (PRABHUAPADA, 1983, p.14)

Mukunda Goswami afirmou que em sua autobiografia George diz que essa música é sobre japa-yoga²¹, sobre cantar o mantra nas contas. Existem duas maneiras básicas de

²¹ Japa-yoga consiste em uma meditação pessoal realizada através da repetição do mantra Hare Krishna com auxílio de um rosário de contas, a japa.

se cantar o mantra, uma é a meditação pessoal nas contas e outra é o Kirtana, quando há canto e coro, o canto congregacional, geralmente acompanhado de instrumentos musicais. No entanto o vaishnavismo recomenda que cantar a qualquer hora, em qualquer ritmo e circunstância traz benefício. Mukunda também pergunta ao músico quais experiências ele tem tido ao cantar Hare Krishna. George Harrison responde:

Prabhupada disse-me certa vez que devemos simplesmente nos manter cantando o tempo todo, ou tanto quanto possível. Ao fazer isso, você percebe o benefício. O fruto de se cantar é a bem aventurança, ou felicidade espiritual, que tem um sabor muito superior a qualquer outro encontrado aqui no mundo material. É por isso que digo que, quanto mais você canta, menos você quer parar, porque é uma sensação de paz tão boa! (PRABHUPADA, 1983, p. 13)

No Bhagavad-Gita, Krishna afirma que “Sempre cantando minhas glórias, esforçando-se com muita determinação, prostrando-se diante de mim, estas grandes almas adoram-me perpetuamente com devoção” (9.14) Como já foi exposto, segundo o Vaishnavismo, o cantar de Hare Krishna permite um contato direto com Deus que se manifesta nos seus nomes através de sua onipotência. Em outro momento da entrevista Mukunda pergunta:

[...] Agora, qual a diferença entre cantar Hare Krishna e meditação?
George: Na verdade cantar é o mesmo que meditar, mas creio que tem um efeito mais rápido. Mesmo que você deixe as contas num canto, você ainda pode dizer o mantra ou cantá-lo sem precisar usar as contas. Uma das principais diferenças entre meditação silenciosa e cantar Hare Krishna é que a meditação silenciosa depende mais de concentração, mas, quando você canta, trata-se de uma ligação mais direta com Deus.
[...] Mukunda: Você canta frequentemente? George: Sempre que tenho oportunidade. Mukunda: Uma vez você fez uma pergunta a Srila Prabhupada sobre um verso védico em particular, no qual se diz que quando cantamos o santo nome de Krsna, Krsna dança em nossa língua e desejamos ter milhares de ouvidos e milhares de bocas com os quais possamos apreciar melhor os santos nomes de Deus. George: Sim. Creio que ele estava falando sobre a compreensão de que não há diferença entre Ele estar diante de você e estar presente em Seu nome. Esta é a verdadeira beleza do canto: você se liga diretamente a Deus. Não tenho dúvida de que, dizendo Krsna repetidamente, Ele pode vir e dançar em minha língua. A coisa principal, contudo, é manter-se em contato com Deus. Mukunda: Então seu hábito é usar as contas quando você canta? George: Ah! Sim. Tenho minhas contas. Lembro-me de quando as consegui, elas eram apenas ásperas bolas de madeira, mas agora alegro-me de dizer que de tanto cantar elas tornaram-se polidas. (PRABHUPADA, 1983, p.7-8)

No refrão da música George diz: “Se você abrir o seu coração, saberá o que quero dizer, Há muito que estamos poluídos, mas aqui está a maneira de você se purificar, Cante os nomes do Senhor e você será livre o Senhor espera que todos acordem e vejam”. O sentido de “poluídos” aqui é de estar na natureza material, com a consciência material e o maha-mantra então purifica a consciência, elevando-a espiritualmente. Sobre isso Prabhupada diz:

No Caitanya-caritamrta se diz: “O amor puro por Krsna está eternamente estabelecido nos corações das entidades vivas. Não é algo que se obtenha de alguma outra fonte. Quando o coração se purifica mediante o processo de ouvir e cantar a entidade viva naturalmente desperta.” Uma vez que a consciência de Krsna é inerente a toda entidade viva, todos devem ter a oportunidade de ouvir sobre Krsna. Simplesmente ouvindo e cantando (...) o nosso coração se purifica diretamente, e nossa consciência de Krsna original desperta de imediato. A consciência de Krsna não se impõe artificialmente ao coração – ela já existe. Quando alguém canta o nome da Suprema Personalidade de Deus, seu coração se purifica de toda a contaminação material. (PRABHUPADA, 1975, p.41-42)

George diz na canção que não se precisa de uma série de coisas para ver a bagunça em que se está e para ver que se caiu. As escrituras védicas descrevem o mundo material como um mundo de misérias, pois há nascimento, doença, velhice e morte e também há misérias que surgem do corpo, da mente, de outras entidades vivas e das catástrofes naturais. Mais uma vez está presente o conceito de *maya*, ilusão, em que esse mundo material e tudo relacionado a ele é temporário, além da ideia das pessoas pensarem ser senhores da natureza enquanto ficam cada vez mais sob suas garras, sob suas leis. George diz que não é preciso uma série de coisas para perceber isso, é só abrir o coração que o entendimento virá e a maneira para se libertar é cantar os nomes do Senhor, o maha-mantra Hare Krishna e o Senhor espera que todos acordem e vejam. Sobre isso Prabhupada diz:

Krishna está em toda parte. Simplesmente você tem que pegar ele e ele também está pronto para ser apanhado. Sim, se alguém quiser pegá-lo. Suponha que você é um devoto, se você quiser pegar, Ele vem para a sua frente 10 vezes mais do que o seu desejo. Ele é muito bondoso. Portanto, temos que simplesmente recebê-Lo.²²

²² <https://www.facebook.com/pages/Srila-Prabhupada-Como-Ele-%C3%89/465383816838925>

George cita Jesus na canção provavelmente em decorrência do público ocidental de maioria cristã. Em outra parte da canção George diz: “se você abrir seu coração você vai ver que ele está ali, sempre foi e será, ele vai aliviá-lo de suas preocupações”. Nesta passagem George salienta a ideia do Vaishnavismo de que a união com Deus se dá ainda nessa vida, através da consciência, do serviço devocional, alcançando a perfeição da vida, que será consumada após a alma deixar o corpo e ir para a morada de Krishna.

Segundo Prabhupada, “Quando somamos Krsna – ou Deus – a nossas vidas, esta forma humana de vida torna-se perfeita. No momento da morte, temos que concluir este processo de perfeição. (1989, p.13) No documentário dirigido por Martin Scorsese a esposa de George, Olivia diz: “Ele estava muito irritado porque John não teve a chance de deixar seu corpo de maneira melhor. Porque George dava muita importância ao momento da morte, de deixar seu corpo. Isso era muito... Era para isso que ele estava praticando.” (SCORSESE, 2011)

No Bhagavad- gita Krishna explica que nosso último pensamento determina a nossa próxima vida e nosso próximo corpo e se pensarmos em Krishna no momento de deixar o corpo iremos para o mundo espiritual e com um corpo espiritual. No entanto a ideia é que nossos últimos pensamentos são determinados pela vida que levamos, então, se formos conscientes de Deus durante a vida iremos pensar em Deus no momento da morte.

No Bhagavad-Gita Krishna explica que há na natureza material três modos sob os quais as entidades vivas agem: bondade, paixão e ignorância e além desses modos da natureza material está a plataforma espiritual que pode ser alcançada através do serviço devocional, na relação pessoal com Krishna, como amigo, pai ou amante, elevando a consciência e espiritualizando os sentidos.

George também faz referência ao aspecto localizado de Krishna presente no coração de todas as entidades vivas como Paramatma, a superalma (Se você abrir o seu coração, você vai ver que ele está ali). No Srimad-Bhagavatam explica-se que Deus apresenta-se sob três aspectos: Bhagavan, a Personalidade Suprema, Krishna, Paramatman, a superalma presente em todos os corações e Brahman, a refulgência impessoal que tudo permeia; a fonte de Paramatman e Brahman é Bhagavan, Krishna. (Srimad Bhagavatam 1.2.11).

Outra parte da letra que merece destaque é a seguinte: “E enquanto o papa detém 51% da General Motors e a Bolsa de valores é única coisa que ele está qualificado para nos citar, o Senhor está esperando que todos acordem e vejam...” Aqui ele critica a ostentação material do Vaticano e da Igreja Católica, ao passo que Prabhupada pregava e levava uma vida simples, em harmonia com a natureza, sem necessidades artificiais, tanto que veio para os Estados Unidos com alguns trocados e algumas cópias de seus livros e qualquer dinheiro que entrava na ISKCON era utilizado de alguma forma para Krishna e a pregação, nunca para uso pessoal. Prabhupada expressa essa filosofia em seu livro *Vida simples e Pensamentos Elevados*. Foi exposto anteriormente algumas considerações de George sobre o cristianismo no capítulo que trata de sua biografia e na interpretação de *My Sweet Lord*.

A terceira e última composição de George a ser analisada e interpretada nesta pesquisa é *Living In The Material World*, canção-título do álbum de 1973. Mukunda e George conversam sobre o álbum:

Mukunda: Quando você fez o álbum Material World, você usou uma foto interna tirada da capa do Bhagavad-Gita de Prabhupada, mostrando Krsna e Seu amigo e discípulo Arjuna. Por quê? George: Ah! Sim. No álbum se diz: “Foto tirada da capa do Bhagavad-gita Como Ele É de A. C. Bhaktivedanta Swami.” Foi uma promoção para vocês, é claro. Eu quis dar a todos a oportunidade de ver Krsna, de conhecê-IO. Ou seja, esta é a ideia, não é? (PRABHUPADA,1983, p.16)

Na sequência a letra da composição a ser interpretada:

Living in the material world

I'm living in the material world
 Living in the material world
 can't say what I'm doing here But
 I hope to see much clearer
 after living in the material world

I got born into the material world
 Getting worn out in the material world
 Use my body like a car,
 Taking me both near and far
 Met my friends all in the material world

Met them all there in the material world
 John and Paul here in the material world

Though we started out quite poor
 We got 'Richie' on a tour
 Got caught up in the material world

From the Spiritual Sky,
 Such sweet memories have I
 To the Spiritual Sky
 How I pray Yes I
 pray that I won't
 get lost
 or go astray

As I'm fated for the material world
 Get frustrated in the material world
 Senses never gratified
 Only swelling like a tide
 That could drown me in the
 material world

From the Spiritual Sky,
 Such sweet memories have I
 To the Spiritual Sky
 How I pray Yes I
 pray that I won't
 get lost
 or go astray

While I'm living in the material world
 Not much 'giving' in the material world
 Got a lot of work to do
 Try to get a message through
 And get back out of this material world

I'm living in the material world
 Living in the material world I
 hope to get out of this place
 by the LORD SRI KRSNA'S GRACE
 My salvation from the material world
 Big Ending

Vivendo no mundo material

Eu estou vivendo no mundo material
 Vivendo no mundo material

não posso dizer o que eu estou fazendo aqui Mas
 espero ver mais claramente,
 depois de viver no mundo material

Eu tenho nascido no mundo material

Ficando desgastado no mundo material
 Usando meu corpo como um carro,
 Levando-me próximo e distante
 Conhecendo todos os meus amigos no mundo material

Conhecendo todos eles no mundo material
 John e Paul aqui no mundo material
 Embora nós começamos muito pobres
 Temos 'Richie' na turnê
 Fomos apanhados no mundo material

Do céu espiritual,
 Essas doces lembranças que eu tenho
 Para o Céu Espiritual
 Como eu oro Sim, eu oro que
 eu não vou ficar perdido ou
 extraviar

Como eu estou fadado para o mundo material
 Ficando frustrado no mundo material
 Sentidos nunca satisfeitos
 Somente oscilando como a maré
 Que poderia afogar-me no
 mundo material

Do céu espiritual,
 essas doces lembranças que eu tenho
 Para o Céu Espiritual
 Como eu oro Sim,
 eu oro
 que eu não vou ficar perdido ou
 extraviar

Enquanto eu estou vivendo no mundo material
 Não muito para "dar" no mundo material
 Tendo muito trabalho a fazer
 Tente passar uma mensagem
 E voltar para fora deste mundo material

Eu estou vivendo no mundo material
 Vivendo no mundo material Espero
 sair deste lugar pela graça do Senhor
 Sri Krsna Minha salvação para
 mundo material
 Grande final

Nessa canção a influência e a inspiração da consciência de Krishna é bastante perceptível. “Get frustrated in the material world Senses never gratified Only swelling

like a tide That could drown me in the material world”, (ficando frustrado no mundo material, os sentidos nunca satisfeitos, somente oscilando como a maré, que poderia me afogar no mundo material). Prabhupada (2008), explica que a verdadeira felicidade está além das coisas temporárias, pois, apesar de vivermos tentando gratificar nossos sentidos eles nunca são satisfeitos, é como tentar apagar o fogo com gasolina. Neste verso Prabhupada (2009) diz que a identidade do ser vivo, que é eternamente parte integrante fragmentária do Senhor Supremo, é descrita com clareza: “As entidades vivas neste mundo condicionado são Minhas eternas partes fragmentárias. Por força da vida condicionada, elas empreendem árdua luta com os seis sentidos, entre os quais se inclui a mente”. (BHABAVAD-GITA 15.7)

De acordo com Prabhupada (2008), o Senhor Supremo, Krishna, é pleno de conhecimento, prazer e bem aventurança eternos; os seres viventes são almas espirituais individuais eternas, partes integrantes de Deus e também plenos de bem aventurança, conhecimento e prazer, porém em grau diminuto. Assim, segundo a tradição vaishnava, nossa posição é de servos de Deus e devemos empregar nossos sentidos para servir Krishna e satisfazer o Supremo em diferentes relações pessoais, pois só assim alcançaremos a verdadeira felicidade e a liberação.

Em outra parte de *Living In The Material World*, George diz: Eu tenho nascido no mundo material, ficando desgastado no mundo material, usando meu corpo como um carro... No final da canção George diz: “I hope to get out of this place/By the Lord Sri Krsna’s Grace/ My salvation from the material world” (espero sair deste lugar, pela graça do Senhor Sri Krishna, minha salvação para o mundo material). Prabhupada diz que todos nós somos almas espirituais individuais que possuem uma relação eterna com Deus, mas que de alguma maneira, caímos no mundo material e agora estamos sob suas leis. Segundo o guru indiano, ficamos num ciclo de nascimentos e mortes devido às ações e às reações de nossas ações, o karma. Krishna revela que: “Assim como alguém veste roupas novas, abandonando as antigas, a alma aceita novos corpos materiais, abandonando os velhos e inúteis” (Bhagavad.Gita.2.22). Em outro verso explica:

Assim como a alma encarnada passa seguidamente, neste corpo, da infância à juventude e à velhice, da mesma maneira, a alma passa para um outro corpo após a morte. Uma pessoa sóbria não se confunde com tal mudança. (Bhagavad.Gita.2.13)

No verso 55 do capítulo 18 do Bhagavad-Gita, Krishna também explica que é possível quebrar o ciclo de nascimentos e mortes através da plena consciência de Deus e da devoção. No verso a seguir, Krishna ensina que “Aquele que conhece a natureza transcendental do Meu aparecimento e atividades, ao deixar o corpo não volta a nascer neste mundo material, mas alcança minha morada eterna, ó Arjuna. (B.G.4.9). Mais adiante diz: “Esta minha morada suprema não é iluminada pelo Sol ou pela Lua, nem pelo fogo ou pela eletricidade. Aqueles que a alcançam jamais retornam a este mundo material.” (B.G.15.6). Segundo a tradição Vaishnava, devemos então amar e servir a Deus com devoção, sermos conscientes dele para escaparmos do ciclo de nascimentos e mortes e acabarmos com todas as misérias da vida, pois no mundo material há miséria, doença, morte e velhice. A ideia é que teremos uma relação pessoal eterna com Deus no mundo espiritual, repleta de bem aventurança, conhecimento e prazeres eternos. No capítulo 15 do terceiro canto do Srimad Bhagavatam encontra-se uma descrição do mundo espiritual.

Sobre essa canção George comenta:

E se eu não recebia inspiração de Prabhupada em minhas canções sobre Krsna ou sobre a filosofia, eu a recebia dos devotos. Este era todo o encorajamento de que eu precisava. Qualquer coisa espiritual que eu fizesse, fosse através de canções, fosse ajudando na publicação de livros, ou o que fosse, parecia realmente satisfazê-lo. Minha canção “Living In The Material World”, conforme escrevi em *I, Me, Mine*, foi influenciada por Srila Prabhupada. Foi ele quem me explicou que não somos estes corpos físicos. Simplesmente aconteceu de estarmos neles. Como eu disse na canção, este lugar não é realmente aquilo que parece, não pertencemos a ele, mas sim ao céu espiritual (...). A única razão para estarmos aqui é encontrar o jeito de escapar. Assim era Prabhupada. Ela não falava apenas de amar a Krsna e sair deste lugar, mas também era o exemplo perfeito. Ele falava sobre cantar sempre e vivia cantando. Creio que este próprio fato era a coisa mais encorajadora pra mim, pelo menos para fazer-me esforçar-me cada vez mais, ser um pouquinho melhor. Ele era o exemplo perfeito de tudo o que pregava. (PRABHUPADA, 1983, p.21-22)

George também se refere ao mundo espiritual quando diz: “From the Spiritual Sky, Such sweet memories have I To the Spiritual Sky How I pray Yes I pray that I won't get lost or go astray” (Do céu espiritual, essas doces lembranças tenho eu, para o céu espiritual, como eu oro, sim eu oro, que eu não vou ficar perdido ou extraviar). Como já foi exposto o mundo espiritual é descrito no Srimad Bhagavatam e lá se diz que existem planetas espirituais, conhecidos como Vaikunthas, que são a morada da Suprema

Personalidade de Deus.²³ Segundo Prabhupada, os Vaikunthas são planetas espirituais que constituem manifestações da potencia interna do Senhor, e a proporção destes planetas para os planetas materiais (energia externa) é três para um (1986, p.20). Entre esses planetas está o planeta espiritual mais elevado, o planeta de Krsna, Krsnaloka ou Goloka Vrndavana. (PRABHUPADA, 2009)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desta pesquisa foi o de buscar analisar historicamente a relação entre algumas letras de músicas de George Harrison e Prabhupada, ambos inseridos no contexto da consciência de Krishna, o Vaishnavismo, que tem como base o serviço devocional à Krishna.

O intuito foi o de analisar por intermédio de uma perspectiva específica a relação entre os Beatles, no caso, o próprio George com a cultura e religiosidade indiana que geralmente restringem-se ao contato entre os músicos e Ravi Shankar ou Maharish Mahesh Yogi. Foi evidenciado que a relação de George com o movimento Hare Krishna foi fundamental para a sua jornada existencial, sendo até mesmo mais significativa do que o próprio encontro com Maharish.

Desenvolvi uma breve biografia de George para compreendermos sua trajetória e seu envolvimento com a vida espiritual, além de apresentar o contexto históricocultural em que George teve contato com a cultura e a religiosidade indiana, a contracultura dos anos

²³ <http://voltaaosupremo.com/artigos/artigos/descricao-do-reino-de-deus/> acesso em 19/3/2012

1960. Além disso, também apresentei o movimento Hare Krishna, suas bases teológicas e doutrinárias e o papel fundamental desempenhado por Prabhupada na construção e inserção desse movimento nas sociedades ocidentais. Antes apresentei de maneira geral as características do movimento contracultural que emergiu nos Estados Unidos na década de 1960, pois foi nesse momento que Prabhupada chegou ao país e pode possibilitar o contato entre George e a espiritualidade Vaishnava.

Apesar da consciência de Krishna ter marcado George pelo resto de sua vida, me restringi à análise e interpretação de três composições que expressam claramente a relação do músico com o movimento, são elas: *My Sweet Lord* e *Awaiting On You All*, do álbum *All Things Must Pass*, de 1970 e *Living In The Material World*, canção-título do álbum de 1973.

Em todas elas procurei identificar a relação de George com o movimento Hare Krishna e sua filosofia. Procurei também evidenciar a importância de Bhaktivedanta Swami Prabhupada na vida espiritual de George, do que a ênfase de muitos estudiosos e biógrafos na relação com Maharishi.

George teve grande participação na divulgação do movimento e do mantra Hare Krishna em todo o mundo, muitas de suas canções, como, por exemplo, *My Sweet Lord*, ficou no topo das paradas de sucesso musical por muito tempo. O disco dos devotos Hare Krishna produzido por ele também fez muito sucesso e se tornou bastante popular.

O primeiro single desse disco também fez parte das paradas britânicas e foi bastante tocado nas principais rádios da época. Além disso, George influenciou inúmeras pessoas ao redor do globo a partir de seu modo de vida e sua espiritualidade, sua humildade e compaixão. No texto que escreveu para o livro de Prabhupada, Krishna, a Suprema Personalidade de Deus, ele enfatiza: “tudo o que você precisa é amor (Krishna)” (PRABHUPADA, 1977, p. 9).

Sua esposa Olivia, no documentário *Living in the material world*, afirma: “foi uma experiência marcante quando ele deixou seu corpo. Era visível. Vamos apenas dizer, você não precisaria iluminar o quarto se estivesse tentando filmar. Ele simplesmente iluminou o quarto” (SCORSESE, 2011). Assim, a partir desse trabalho pondero que é possível concluir que a carreira musical de George foi influenciada por seu envolvimento com a

consciência de Krishna e certamente ainda ilumina e abre caminhos para a filosofia de Prabhupada no mundo ocidental.

Objetivei estudar o movimento Hare Krishna e identificar as ideias de sua filosofia em algumas composições de George Harrison, analisando sua relação com o movimento. Portanto, apresentei elementos da trajetória histórica do Movimento Hare Krishna e procurei compreender o papel de Prabhupada, além de realizar um levantamento e a identificação das músicas vinculadas ao Vaishnavismo.

Selecionei algumas letras de música de George Harrison as quais interpretei e analisei identificando a relação com a teologia do Vaishnavismo presente em obras literárias de Prabhupada, de acordo com as categorias de análise estabelecidas. Dessa forma, como a maioria das pesquisas acadêmicas, biografias, documentários e reportagens não se concentram muito na relação de George com o Movimento Hare Krishna, a presente pesquisa oferece uma nova abordagem da vida de George e sua espiritualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARBONIERI, Alexandre Campos. *A tradição filosófica e religiosa vaishnava (Hare Krishna) como representante do hinduísmo tradicional*. 2009

CARR, E.H. *O que é História*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, EDUSC, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. In: *O que é, afinal, Estudos Culturais?*- organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

GRESCHAT, Hans-Jurgen. *O que é ciência da religião?* São Paulo: Paulinas, 2005.

KNOTT, Kin. *Insider and Outsider Perceptions of Prabhupāda*. In: Steven L. Rose (edit.) *Gaudiya Vaishnavism & ISKCON: An Anthology of Scholarly Perspectives*. Vrindaban: Rasbihari Lal & Sons, 2001, p. 361-378.

MORAES, José Geraldo Vinci de. *História e música: canção popular e conhecimento histórico*. Revista Brasileira de História. São Paulo, Vol. 20, nº 39, p.203-221. 2000

OLIVEIRA, Arilson. *Max Weber e a Índia: o vaishnavismo e seu yoga social em formação*. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.

OLIVEIRA DOS ANJOS, Francisco Flávio. *The Beatles: Ensaio sobre a ética do amor*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN: 2007.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura*. São Paulo: Nova Cultural: Braziliense, 1986. (coleção Primeiros Passos; 69)

ROSZAC, Theodore. *A Contracultura*. Petrópolis: Vozes, 1972.

SCORSESE, Martin. *George Harrison: Living In The Material World*. Documentário, 208 min, 2011. Disponível em <http://www.omelhordatelona.biz/documentarios/1950george-harrison-living-in-the-material-world.html> Acesso em 3/3/2013.

SHERBOW, P.H. *A.C.Bhaktivedanta Swami's Preaching In The Context Of Gaudiya Vaishnavism*. In: Edwin F. Bryant (edit); Maria Ekstrand (edit.). *The Hare Krishna Movement: the Postcharismatic Fate of a Religious Transplant*: 2004, p. 129-146.

SILVEIRA, Marcos Silva da. *Max Weber e o Movimento Hare Krishna*. In: SIQUEIRA, D. ; Lima, R. B. de. *Sociologia das adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro, 2003.

THE BEATLES. *Antologia*. São Paulo. Editora Cosac & Naify, 2001

TURNER, Graeme. *British Cultural Studies- an introduction*. Boston: Unwin Hyman, 1990.

VEYNE, Paul. Tudo é histórico, portanto a história não existe. In: Silva, Maria Beatriz Neeza. (Org.) *Teoria da História*. São Paulo, 1986, p. 45-55.

ZIMMER, H. *Filosofias da Índia*. SP: Palas, 1986.

FONTES DOCUMENTAIS

BHAGAVAD-GITA. Tradução e comentários de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. *Bhagavad-gita Como Ele é*. São Paulo BBT, 2009.

BHAGAVATA PURANA. Tradução e comentários de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. *Srimad-Bhagavatam*. São Paulo: BBT, 1995, 19 volumes.

GOSVAMI, Satsvarupa dasa. *Introdução à filosofia védica: a tradição fala por si mesma*. São Paulo: BBT, 1986.

_____. *Prabhupada- um santo no século XX*. São Paulo: BBT, 1995.

_____. *Somente ele poderia liderá-los: uma biografia de Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada*. São Paulo: Editora BBT, 1980.

PRABHUPADA, A. C. Bhaktivedanta Swami. *Upadesamrta - O néctar da instrução*. São Paulo: Editora BBT, 1975.

_____. *A Perfeição da Yoga*. São Paulo: Editora B.B.T., 1978.

- _____. *Elevação à Consciência de Krishna*. São Paulo: Editora B.B.T., 1980.
- _____. *Em busca da liberação*. São Paulo: BBT, 1981.
- _____. *Um presente inigualável*. São Paulo: Editora B.B.T., 1981.
- _____. *Cante e Seja Feliz*. São Paulo: Editora B.B.T., 1983. Entrevista concedida a Mukunda Goswami.
- _____. *Fácil viagem a outros planetas*. São Paulo: BBT, 1986.
- _____. *Além do nascimento e da morte*. São Paulo: 1989.
- _____. *Ensinamentos do Senhor Caitanya: um tratado sobre a genuína vida espiritual*. Pindamonhangaba, SP. Bhaktivedanta, 1990.
- _____. *Vida Simples, Pensamento Elevado*. São Paulo: Editora BBT, 1991.
- _____. *A ciência da auto-realização*. São Paulo: Editora B.B.T, 1995.
- _____. *Krishna, o reservatório do prazer*. São Paulo: Editora BBT São Paulo: Editora B.B.T., 2008.
- _____. *Civilização e Transcendência*. São Paulo: Editora BBT, 2010.
- _____. *Karma, A Justiça Infalível*. São Paulo: Editora B.B.T., 2010.
- SWAMI, Chandramukha. *Bhaja Govindam- As instruções finais do grande mestre Shankara*. Rio de Janeiro, 2009.

SITES CONSULTADOS

www.facebook.com

<http://krishna.org>

<http://obaudoedu.blogspot.com.br>

www.omelhordatelona.biz

www.pswami.com.br

www.vedic.com.br

<http://voltaaosupremo.com>

www.youtube.com

